

REVISTA

PORQUE AMAMOS
LIVROS

conexão

Literatura

Fevereiro/2021

nº 68

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br



...a far, far away
 LAND OF STONESTIA I... A BEAUTIFUL
 princess with GO...
 ...ON...
 was always SUN O...
 BIRDS AT HER WIND...
 AS FAR AS THE EY...
 OUT ACROSS THE...
 FORESTS, ALL THE...
 ON some days...
 the ships at t...

with their billowy white sails, and o...
 woodedn sides. These ships deliver...
 AND EVEN SPARKLING JEWELS ALL TH...
 FAR OFF LAND CALLED ACIREMIA.

The princess had one wish, to vi...
 BELOVED PRINCE, BUT THE CURSE OF...
 AND HER PRINCE FROM SUCH WONDE...
 TRAVELS SINCE BEFORE SHE WERE BOR...
 BUT NO ONE WAS EVER PERMITTED T...
 EVIL AND TERRIBLE QUEEN ANAIBIA...
 WICKEDLY JEALOUS OF THE PRINCESS...
 SO TOOK OUT HER ANGER ON ALL OF...
 TO FOREVER REMAIN PRISONERS OF TH...

But what the evil queen had fail...
 she had cast her evil curse was...
 WOULD UNLOCK NOT ONLY THE DOO...
 BUT ALSO BREAK THE SPELL ON ST...
 ALWAYS A WAY TO REMOVE A CURS...
 MAGIC AND WHERE TO FIND IT. AN...
 AS SHE WAS TO TRAVEL TO OTHER...
 CURSE UPON HER KINGDOM, SE...
 Golden Key and her people...

PRATIQUE O HÁBITO DA LEITURA

SEJA COM LIVROS IMPRESSOS OU DIGITAIS

E MAIS

ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS



SUMÁRIO

FEVEREIRO DE 2021

Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03
A outra crônica - Português Amoroso, por Mayanna Velame, pág. 05
Dicas de livros, pág. 07
Poema: A Palavra Engana, por Anderson Borges Costa, pág. 08
Literatura: Romance: A música do seu coração - Cap. 12: Pequenininha do meu amor, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 11
Charlotte Perkins Gilman: Uma escrita para uma sociedade de mulheres, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 18
Poetas além do tempo, por Pietro Costa, pág. 23
Poemas de Antonio Di Bianco, pág. 28
Resenha: Quando o amor acontece, por Rafael Botter, pág. 32
Refluxo de Houaiss, por Luiza Khoury, pág. 35
Entrevista com a autora Aline Basztabin, pág. 39
Entrevista com a autora Anna Liz, pág. 42
Entrevista com o autor Antonio Di Bianco, pág. 46
Entrevista com o autor Laís Amaral Jr., pág. 50
Entrevista com a autora Neusa Canabarro, pág. 54
Entrevista com o autor Rafael Caputo, pág. 58
Entrevista com o autor Zacarias Sousa, pág. 64
Entrevista com a autora Zenilda Ribeiro da Silva, pág. 69
Arte: Tela "O Canto", por Luciana Lana, pág. 73
Conto: "Por duas vezes: O Eclipse", por Roberto Schima, pág. 75
Conto: "O Baile", por Massilon Silva, pág. 82
Conto: "Nazistas em Marte", por B. B. Jenitez, pág. 86
Conto: "Amor à primeira vista, ilusão e tormento", por Míriam Santiago, pág. 92
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 96

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com
Mayanna Velame - Colunista

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale
Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



ademirpascale



EDITORIAL

“Pratique o hábito da leitura, seja com livros impressos ou digitais”, frase que está em destaque em nossa capa. A leitura nos faz sonhar, viajar e ter mais conhecimento e certamente é uma das melhores ferramentas para o ser humano. Leia, pratique e exercite a sua mente.

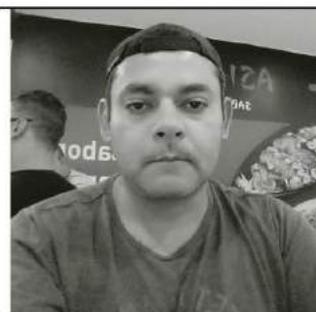
Nas próximas páginas o leitor encontrará dicas de livros, crônicas, contos, entrevistas e muito mais.

Para saber como participar da nossa edição de março, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!



www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



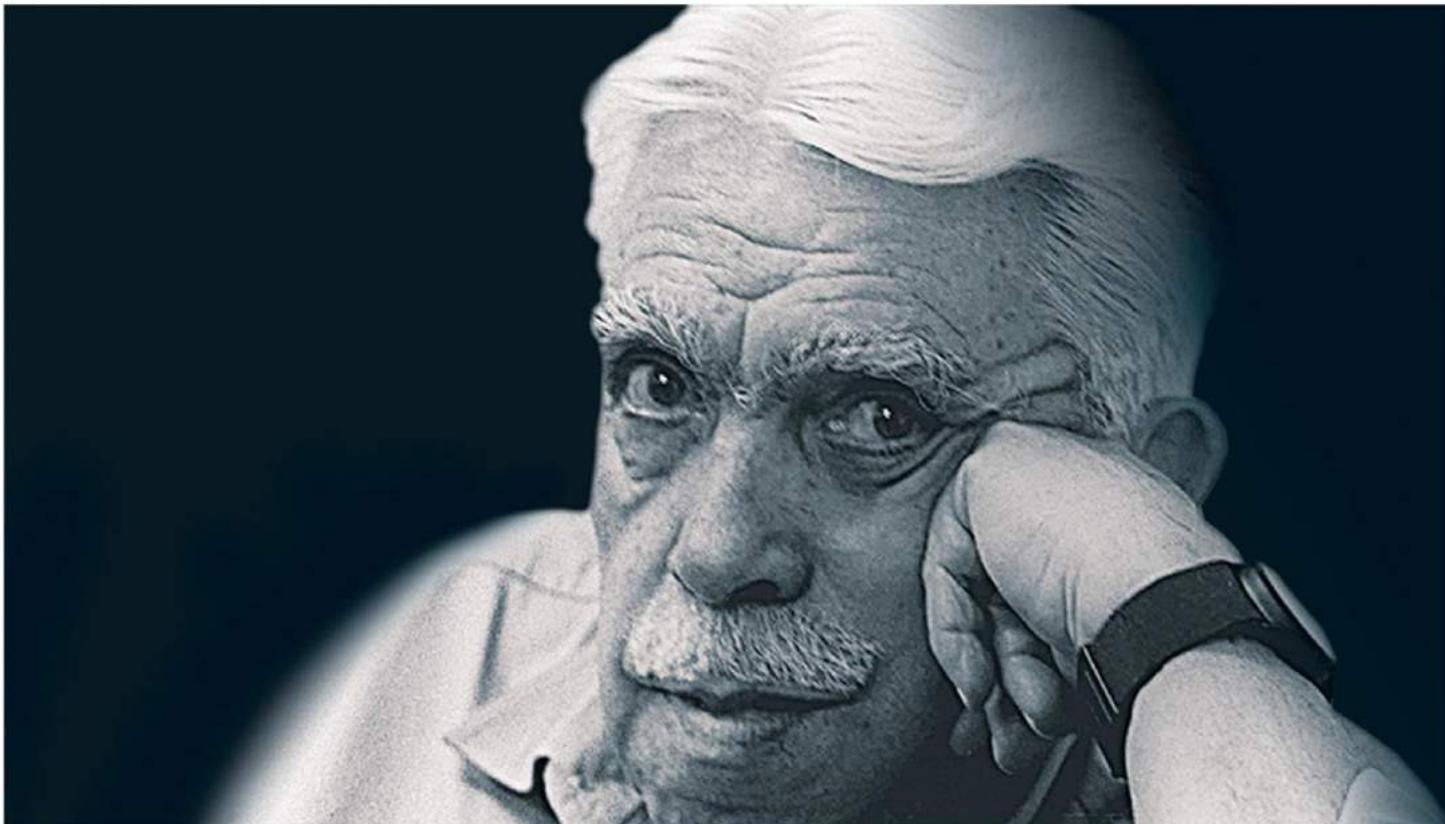
Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



RUBEM BRAGA - FOTO DIVULGAÇÃO

A OUTRA CRÔNICA

PORTUGUÊS AMOROSO

Por Mayanna Velame

Somos protagonistas dessa crônica / Que chamamos de vida.

Noite de janeiro, em Guarulhos, uma garoa noturna visita os ares paulistas. No saguão do aeroporto, espero meu voo para Maceió. Pela vidraça, vejo o tempo ranzinza, de um céu completamente ruborizado. No pátio, aviões dividem o espaço com trabalhadores trajando seus coletes fluorescentes.

No vai e vem de todo aeroporto, passageiros apressam seus passos, carregam bagagens, lembranças, sonhos e expectativas. Em minha solidão, minuciosamente, procuro a confirmação do meu voo, entre tantos outros, que cintilam no monitor frente à cafeteria.

Depois de algumas horas, chega o momento de partir. Enfileirados, viajantes de todos os tipos, tamanhos e educação esperam os procedimentos de embarque. Gentilmente, apresento meu bilhete. Sigo pelo corredor, que me leva à aeronave. Acomodo-me na poltrona, ao lado da janela que não para de transpirar. Luzinhas na ponta da asa piscam em meio à densa cerração.

Pouco a pouco, o avião inicia sua operação de decolagem. Afivelo meu cinto, o tempo continua nublado e mesmo assim, levantamos voo. Penso em turbulências, mas elas não me assustam. O lar das nuvens é o lugar mais lindo que existe.

“*Tripulação, preparar para a decolagem*”. O comandante anuncia com sua voz aveludada. Aeromoças explicitam as normas de segurança de voo. Em seguida, o avião deixa o solo. Sinto cócegas no estômago. Paulatinamente, o *Boeing* busca o horizonte. Enquanto sobe para alcançar a atitude necessária, vejo que as nuvens, antes sisudas e mal-humoradas, gradativamente recebem resquícios de uma tonalidade alva. Até que de repente, para minha surpresa, como se fosse uma segunda noite. A lua aparece única com todo seu resplendor, entre os farrapos de algodão angelical. Duas noites se revelam para mim. Será que os outros passageiros estão atentos a isso? É preciso saber ler a noite e seus significados.

Quando vejo essa cena, volto ao ano de 1996, episódio em que pela primeira vez, li Rubem Braga, nas páginas de uma Gramática de Faraco & Moura. A crônica “*A outra noite*” (*fica a sugestão de leitura, leitor*), nunca deixou de voar em minha mente. Sinto-me como aqueles personagens vivenciando a dualidade noturna. De leitora, tornei-me protagonista. Acho que deve ser por isso, que minha viagem se tornou tão graciosa e inesquecível, assim como as crônicas, que a vida insiste em escrever sobre nós.

Português Amoroso V

Ai de ti, Rubem Braga!

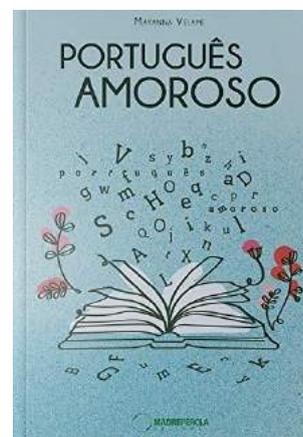
Se não fosse Copacabana

a desfilar em tua crônica.

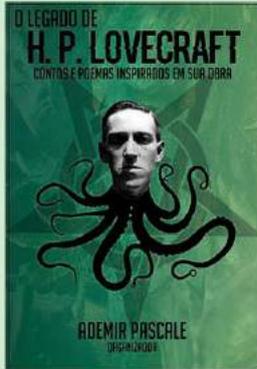


Mayanna Velame nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, Português Amoroso, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame

no Instagram e Facebook no @portugues_amoroso.



DICAS PARA LEITURA



O legado de H. P. Lovecraft
Ademir Pascale (org.)

Acesse



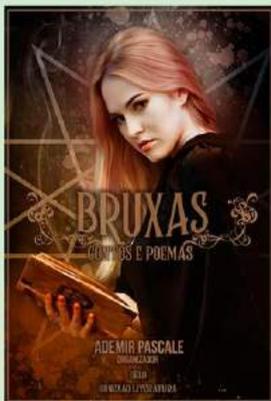
Versos Soltos
Elenir Alves (org.)

Acesse



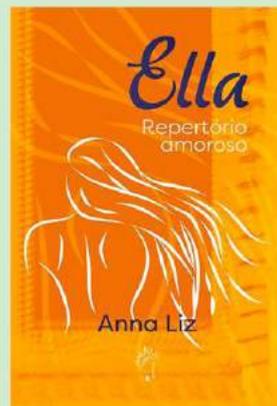
Poemas e Contos Extraordinários
Rozz Messias (org.)

Acesse



Bruxas
Ademir Pascale (org.)

Acesse



Ella - Repertório amoroso
Anna Liz

Acesse



Poesia na Pandemia
Zenilda Ribeiro da Silva

Acesse

“Para mim, o prazer é encontrado, sobretudo, no inesperado, no nunca antes explorado, o oculto e o imutável, ofuscado por uma realidade distorcida.”
– Henry David Thoreau

A PALAVRA ENGANA

POR ANDERSON BORGES COSTA

A vacina inflama
O tempo semana
O inseto Joana
Picada suçuarana
O sexo bacana
A mão abana
A pele pubiana
A Copa cabana
O dinheiro afana
O poder emana
O poder da grana
O poder dá grana
O amor sacana
O macaco banana
O hai kai ikebana
O charuto Havana
A cidade urbana
O que chora mama
O açúcar cana
A polícia cana
O sertão savana
A avó Santana
A eleição tirana
A lei romana
A injustiça irmana
A poesia profana
A fé vaticana
A janela veneziana
O tubo zarabatana
A ajuda samaritana

A fome cotidiana
A Terra plana
A palavra engana

Anderson Borges Costa é autor dos romances “Rua Direita”, “Avenida Paulista, 22? “O Livro que não Escrevi” (do qual, um dos contos foi traduzido para o inglês no Canadá), das peças teatrais “Quarto Feito de Cinzas” (traduzida para o italiano para ser apresentada na Itália), “Elevador para o Paraíso” e “Três por Quarto”. Premiado no Prêmio Guarulhos de Literatura (categorias Livro do Ano e Escritor do Ano) e no Concurso Literário do Instituto Federal São Paulo. É professor de Português da escola internacional Saint Nicholas e de Inglês no curso Cel Lep. Formado e pós-graduado pela Universidade de São Paulo em Letras. Participou do último filme da diretora Anna Muylaert, “Mãe só há uma”, atuando como o professor de literatura do protagonista.



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

POR APENAS

R\$100

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO *POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

Capítulo 12: Pequenina do meu amor

Literatura

Na abertura desse bloco, fiz uma singela homenagem aos veteranos que concluíram comigo o segundo grau no Colégio Agrícola do Amazonas. Por três anos, estivemos juntos. Em regime de internato, éramos liberados aos sábados e domingos. Ainda me lembro do meu primeiro dia: saudades, muitas saudades da minha terra natal, dos meus pais, dos meus amigos, da namoradinha. De Tefé, somente eu havia chegado. Tristeza imensa. Vontade de voltar. Na primeira noite, dormi no aposento dos colegas que vieram do Estado do Acre. No outro dia, mudei-me para o alojamento dos tefeenses. Este, quando completo, reunia, em 1975, dez conterrâneos: Afonso, Lúcio e Sigueru (3.º ano); Argemiro, Enéas, José, Ofir e Sabino (2.º ano); Luís e eu (1.º ano). Com referência ao baile de formatura, esse aconteceu às 23 horas do dia 25 de novembro de 1977, no Salão dos Espelhos do Atlético Rio Negro Clube, na Avenida Epaminondas, em frente à Praça da Saudade, em Manaus. Pela primeira vez, usei paletó.

Comprei-o numa fábrica de roupas, no Distrito Industrial. Fiquei chique. Os colegas formandos, nomino-os, a seguir, um a um, em ordem alfabética. Ei-los:

Adrianilson Góes de Souza (Parintins-AM)
 Aguinaldo de Souza Ferreira (Carauari-AM)
 Albérico Lima de Oliveira (Lábrea-AM)
 Amilca da Silva Ferreira (Parintins-AM)
 Antenor Matos de Carvalho (Alenquer-PA)
 Antonio Cesário Braga (Feijó-AC)
 Antonio Wanderley de Oliveira (Manaus-AM)
 Armênio Miranda Silva (Humaitá-AM)
 Carlos Alberto Púpio de Oliveira (Rio Branco-AC)
 Clóvis Savino Brelaz (Óbidos-PA)
 Djalma da Silva Souza (Coari-AM)
 Edmundo Soares de Souza (Tarauacá-AC)
 Elmênio de Oliveira Rodrigues (Itacoatiara-AM)
 Eronilço Maia Chaves (Rio Branco-AC)
 Euzébio Bento da Silva (Boa Vista-RR)
 Félix Almeida de Abreu (Xapuri-AC)
 Francisco Carlos Mendes Carneiro (Manaus-AM)
 Francisco Djacir Lima de Souza (Eirunepé-AM)
 Francisco Ednaldo Vieira (Tarauacá-AC)
 Francisco Haroldo M. dos Santos (São Borja-RS)
 Francisco Macedo O. Filho (Urucará-AM)
 Geraldo de Carvalho Silva (Parintins-AM)
 Gilmar Vieira da Rocha (Manicoré-AM)
 Hugo Montefusco Cavalcante Filho (Eirunepé-AM)
 Itamar de Araújo Reis (Manicoré-AM)
 João Batista F. dos Santos (Rio Branco-AC)
 João Carlos de Almeida (Bacabal-MA)
 João de Deus Coêlho (Fonte Boa-AM)
 João Ernando Duarte Amorim (Maués-AM)
 João Lopes Firmino (Tarauacá-AC)
 Jorge Eliésio Ramos Faria (Alenquer-PA)
 José Maria da Silva Maia (Benjamin Constant-AM)
 José Maria Pereira da Rocha (Xapuri-AC)
 José Mota da Silva (Quinari-AC)
 José Nortino Nunes Medeiros (Boca do Acre-AM)
 José Osmar Juvêncio Barroso (Eirunepé-AM)
 José Vieira dos Santos (Fonte Boa-AM)
 Juscelino Pereira Nogueira (Itacoatiara-AM)
 Lázaro de Souza Monteiro (Eirunepé-AM)
 Luis Alberto Guimarães de Assis (Benjamin Constant-AM)
 Luis Ramos (Tefé-AM)

Luis Roberto Pereira da Costa (Parintins-AM)
 Manoel Felix Araripe Leite (Sena Madureira-AC)
 Mário Lúcio Gomes da Silva (Nova Olinda do Norte-AM)
 Mauro Machado Barbosa (Boca do Acre-AM)
 Messias Wilson M. Cursino (Parintins-AM)
 Newton Paulo de Souza Falcão (Manaus-AM)
 Nilo de Almeida Costa (Brasiléia-AC)
 Oyama Rodrigues Pedraça (Manicoré-AM)
 Paulo Sérgio Ferreira Damasco (Macapá-AP)
 Pedro Gomes de Souza (Manacapuru-AM)
 Raimundo Álvaro Macedo Júnior (Manaus-AM)
 Raimundo Cajueiro Leandro (Benjamin Constant-AM)
 Raimundo Colares Ribeiro (Tefé-AM)
 Raimundo de Araújo Lima (Feijó-AC)
 Raimundo Dias de Souza (Sena Madureira-AC)
 Raimundo Nonato Correa Lima (Cruzeiro do Sul-AC)
 Ruy Nogueira Aoki (Urucará-AM)
 Sebastião Clementino Correia (Manacapuru-AM)
 Simão Pedro da Silva Cabral (Benjamin Constant-AM)
 Valmir Costa da Silva (Boca do Acre-AM)
 Valtemir Leandro Gomes (Boca do Acre-AM)
 Waldemar Cândido Ferreira (Rio Branco-AC)
 Wilson Nonato Rabelo Filho (Urucurituba-AM)

Professores homenageados: Anésio Andrade, Avelino Pereira Curvello, Carlos Manoel Batista da Rocha, Cleudo Brasil de Oliveira, Daizy de Paula Pessoa, Dilson Fernandes dos Reis, Eduardo Rodrigues de Melo, Elival Martins dos Reis, Emanuel Monteiro Maia, Eulálio Macedo, Euzébio de Paula Genísio, Geraldo Malheiros de Miranda Cabral, Helena Mourão de Castro Costa, Irene Cordovil Andrade, José Dantas Cavalcante (diretor), José Maria Pinheiro Gomes, José Ofir Praia de Souza, Leônidas Morada da Silva, Manoel Correia Lima, Marcos Aurélio Dias Sales, Maria das Graças Araújo Cabral, Maria Inês Ferraz de Vasconcelos, Nilda Santiago da Silva, Nilton Ciríaco Pinto Ataíde, Otto Augusto Sarmento Dias, Raimundo Geraldo Rodrigues, Raul Pereira Barbosa, Rogério Coelho Lopes e Rubens da Silva Castro.

– Estamos ao seu lado em todo lugar!!! Obrigado por estar conosco. Sucesso no mundo inteiro, você ouve, em *begê*, mais uma música romântica inesquecível, neste sábado ensolarado: ALL BY MYSELF, com o cantor Eric Carmen. Essa música, lançada em 1975, foi regravada por outros artistas renomados, entre os quais Frank Sinatra (1976), Karel Gott (1977), Tom Jones (1980) e Shirley Bassey (1982). Canção lindíssima, eterna!!! Sonoplasta, por favor, aumenta o som!!! Quem não dançou essa música? Que época!!! Sinceramente, é de arrepiar!!! O próximo sucesso a desfilar em A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO é versão de uma música gravada pelo grupo sueco ABBA, em 1979. A composição é de Benny Andersson e Bjorn Ulvaeus, com tradução e adaptação de Perla e

Wally. A interpretação é da cantora paraguaia Perla. Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– Sem dúvida. Tenho uma prima que adora essa música gravada pela Perla. Acompanhemos os versos:

*Pequenina do meu amor
Vem correndo pros meus braços
Eu guardo pra você
Os mais caros lindos sonhos
Vai sorrindo ao mundo em redor
Tudo é novo e belo em seus olhos
Ah! desconhece o mal
Neste mundo de gente grande
Pequenina do meu amor...*

Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, de frente para o locutor, mais um dos nossos prestigiados colaboradores. Era o Wanderlei, professor de Educação Física da rede estadual de ensino. Fez-me lembrar do professor Benedito Guimarães e dos tempos em que cantávamos: “Estudante do Brasil / Tua missão é a maior missão / Batalhar pela verdade / Impor a tua geração / Marchar, marchar para frente / Lutar incessantemente / A vida iluminar / Ideias avançar...” Em várias ocasiões, as nossas aulas de Educação Física foram realizadas sobre as areias alvíssima da praia, atrás do Seminário São José e de frente para o magnífico Lago de Tefé. A mensagem que o Wanderley encaminhou à coordenação do programa musical estava, assim, redigida:

Tornei-me um grande fã da Perla desde quando a vi se apresentando em um dos programas do Silvio Santos, domingo à tarde. Ouvi comentários de que dedicou essa música à sua filha. A letra original pertence ao grupo ABBA, mas a versão ficou perfeita. Parableno-a por isso. É a expressão do amor verdadeiro. Essa canção também marcou muito minha vida. Lembro-me de uma garota especial que ainda mora no meu coração. Tento esquecê-la e não consigo. Os momentos bons que passamos juntos... Isso, então, não sai do meu pensamento. Torçam por mim, pela nossa reconciliação. Que as nossas vidas se encham de alegria e fiquem muito mais belas em 1984!!!

– O ouvinte em primeiríssimo lugar!!! Aliás, esse sempre será o nosso lema maior. PEQUENINA é a música indicada pelo professor Wanderlei. A sua intérprete, que nasceu no Paraguai, é popular e muito querida. Quem não se lembra da Perla? Em 1977, ela também gravou “Nuvem Passageira”, sucesso estrondoso com o cantor Hermes Aquino. Talvez a nossa assistente de locução tenha mais informações a respeito da cantora. Alguma anotação, Kátia?

Estimulada, a assistente de locução informou que a cantora Perla nasceu em Caacupé, Cordillera, no Paraguai. Na década de 1970, chegou ao Brasil, no Rio de Janeiro. Seu primeiro sucesso foi “Estrada do Sol”, gravado em 1975. Em 1976, lançou o LP “Palavras de Amor”, com a versão de “Fernando”, do grupo ABBA, que estourou em todo o Brasil. Outros grandes sucessos: “Recordar é Viver” e “Pequenina”.

Logo a seguir, solicitei ao sonoplasta a execução da música PEQUENINA (sucesso nacional indicado pelo professor Wanderley), e das recomendadas pela produção: IF YOU CAN’T GIVE ME LOVE, composição de N. Chinn e M. Chapman, com Suzi Quatro, e MENINA FACEIRA com Roberto Leal.

SONOPLASTIA:

Músicas: PEQUENINA (1), IF YOU CAN’T GIVE ME LOVE (2) e MENINA FACEIRA (3).

– Todo mundo está ouvindo, todo mundo está ligado!!! Agora, melhor com você!!! Continua tocando MENINA FACEIRA, composição de Kátia Maria e do próprio Roberto Leal. De acordo com anotações da assistente de locução, o cantor Roberto Leal nasceu em Vale da Porca, Macedo de Cavaleiros, Portugal. Aos 11 anos, chegou ao Brasil. Em São Paulo, Capital do Estado, iniciou a sua carreira de cantor de fados e músicas românticas. O primeiro grande sucesso de Roberto Leal é “Arrebita”, mas outras músicas também o deixaram famoso, entre elas “Carimbó Português”, “Lisboa Antiga”, “A Banda Chegou” e “Menina Faceira”.

– Fique ligado nesta notícia: O álbum “Disco de Ouro”, produzido pelo selo WEA, em 1980, apresenta quatorze canções: “Por Quem os Sinos Dobram” (Raul Seixas), “Senhora Liberdade” (Zezé Motta), “Super-Homem – A Canção” (Gilberto Gil), “Menino do Rio” (Baby Consuelo), “Bandolins” (Oswaldo Montenegro), “Êxtase” (Guilherme Arantes), “Falando de Amor” (Ney Matogrosso), “Altos e Baixos” (Elis Regina), “Wave” (João Gilberto), “Dores de Amores” (Zezé Motta e Luiz Melodia), “Beleza Pura” (A Cor do Som), “Meu Coração” (Pepeu Gomes), “Medo de Avião” (Belchior), e “Agito e Uso” (Frenéticas). Seleção ma-ra-vi-lho-sa!!!

– Você ouve ALL BY MYSELF com o cantor Eric Carmen. Nesse Ano Novo, procuremos viver em equilíbrio e em paz com todos. Feliz 1984!!! No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, a nossa ouvinte Jeanne, moradora da Rua Pará, Bairro de Monte Castelo, indicou o álbum da cantora SIMONE, lançado, em 1980, pela gravadora EMI-Odeon. O LP é composto por dez faixas. No Lado A: “Música Música”, “Atrevida”, “Para Lennon e McCartney”, “Rainha Morena” e “Mulher e Daí”. No Lado B: “Sangrando”, “Mar e Lua”, “Novo Tempo”, “Estrela da Canção” e “Do Meu Jeito”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa da cantora Simone!!!

Cartão de boas festas, que foi encaminhado pelo Giovanni e lido pela assistente de locução, exibia esse recado orientador, que não devemos esquecer:

Não abandonemos os nossos amigos, nem os amigos dos nossos pais. No dia difícil, vale mais o vizinho perto do que o irmão longe. Neste dia especial de reflexão, procuremos fazer de um pequeno instante um grande momento. E saibamos que a felicidade talvez não esteja onde procuramos, mas, onde menos esperamos. Lembremo-nos sempre de que DEUS está dentro de nós, pronto a oferecer-nos ânimo e incentivo. Feliz Natal e próspero Ano Novo!!!

Ao Giovanni, residente na Rua Nogueira, Bairro de Santo Antônio, retribuímos os votos de boas festas.

– A onda é essa e não dá para desligar: Rádio e Voz Comercial Agá-Erre!!! Ouviu, gostou!!! Todos estamos adorando este grande musical, não é mesmo? Na sequência, mais uma música para mexer com os corações apaixonados: SEI QUE VOU SOBREVIVER com Sidney Magal.

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



**Raimundo Colares Ribeiro* é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

As canções aqui mencionadas podem ser ouvidas no canal A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO:

<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSlhSw>

Revista

PROJETO AUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

PORQUE TER AUTOESTIMA FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

100%
ENERGIA

NASCIDA PARA O
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**
a **nossa** revista

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com



CHARLOTTE PERKINS GILMAN - FOTO DIVULGAÇÃO

CHARLOTTE PERKINS GILMAN:

UMA ESCRITA PARA UMA SOCIEDADE DE MULHERES

Por Cristiane de Mesquita Alves

Infelizmente, escrevo a partir de minhas memórias. Se eu pudesse ter trazido comigo o material que preparei com tanto cuidado, esta história sairia muito diferente. Cadernos repletos de anotações, registros cuidadosamente copiados, descrições em primeira mão e imagens – estas foram a pior perda. Obtivemos panorâmicas das cidades e dos parques; muitos belos cenários de ruas, edifícios, por dentro e por fora, e alguns dos maravilhosos jardins, e o mais importante, das próprias mulheres. (GILMAN, 2019, p. 15).

Literatura

Charlotte Perkins Gilman (1860- 1935) foi uma escritora feminista ativa. Nasceu em Connecticut e cresceu em Rhode Island, nos Estados Unidos da América. Charlotte teve uma infância e juventude difíceis, marcadas pelos constantes problemas econômicos e familiares. Casou-se com Charles Stetson, um artista de Providence e ele se tornou a pai de sua filha. Após três anos de um casamento infeliz, registrado pelas crises de nervos, angústia e depressão; divorciou-se e se casou com o seu primo Houghton Gilman.

Escreveu textos de ficção e de não ficção voltados a questionar o papel da mulher na sociedade patriarcal condicionado à função essencialmente doméstica, destinada a servir o homem e aos filhos. Ela foi uma das principais autoras feministas norte-

americanas a apresentar em seus textos literários, no século XIX, temas que confrontavam diretamente à política sexual das relações entre os homens e as mulheres, marido-esposa, por este motivo, seu texto *O papel de parede amarelo* publicado em 1892, é apontado como um texto que levantou a bandeira do feminismo nos Estados Unidos, sobretudo na década de 1970, embora, essa narrativa na época de sua publicação, não ter tido boa recepção por muitos editores, e ser considerada um conto de terror na tradição de Edgar Allan Poe, como sinaliza Elane Hedges (2016).

Apesar das críticas por sua temática nesse período, a escrita de Charlotte é uma escrita de denúncia social. Ela leva seu leitor a refletir seriamente sobre as injustiças sofridas pelas mulheres. Seus livros analisam de maneira crítica a instituição familiar e a questão de temas como sexualidade e a castidade. Charlotte “começou a escrever poemas – um deles em defesa das prostitutas – e a buscar seu próprio pensamento independente. Seu compromisso era mudar um mundo que via como infeliz e confuso: ela usava a lógica, o argumento e a demonstração.” (HEDGES, 2016, p. 82), e para isso, além de escrever por meio das páginas ficcionais ou não, também palestrava sobre as temáticas feministas.

Para Charlotte, uma mulher deveria ser capaz de manter o casamento e a maternidade, e, também de fazer o seu trabalho no mundo. Essa postura pode ser observada em suas personagens, pelo menos, no desejo que elas demonstram em sair de casa para trabalhar, como visto na narradora-personagem de *O papel de parede amarelo*. Muitas características das personagens de Perkins estão diretamente vinculadas às vivências e as experiências pessoais da autora, isso faz com que estudiosos da obra de Gilman, como Hedges, destaque como traço de sua Literatura: o autobiografismo.

Outros aspectos da obra de Charlotte são as frases curtas, a brevidade das ações no decorrer dos parágrafos, responsáveis – muitas vezes – por transmitir o estado tenso e angustiado de suas personagens diante das situações impostas pelo patriarcado.

As metáforas nas entrelinhas do *anel de ouro* como algemas para as mulheres é um detalhe explorado nas narrativas de Gilman, além de apresentar enredos implícitos e finais suspensos. As narrativas de Charlotte são triviais, e “deixariam as feministas do século XXI de cabelo em pé.” (CORRÊA, 2019, p. 9), sobretudo, as histórias que são apresentadas em *Terra das mulheres*, publicado em 1915, um lugar organizado por cidadãs, desenvolvido e sem conflitos. Narrativas ficcionais utópicas e distópicas, mas que chamam atenção para a coragem de uma ficcionista que segundo Corrêa (2019, p. 8), Charlotte ousou “tocar em um dos temas mais difíceis que o gênero literário pode abordar: a igualdade.”

Gilman lutou por um mundo de transformações, por uma Terra, onde as mulheres ocupassem seus próprios espaços e que fossem sujeitos em suas ações, seja na sua escrita literária, seja na de não ficção. Outro livro que se observa este perfil de Charlotte é *Women and Economics* de 1898, este foi um dos livros de Charlotte que atacou “o sistema social e econômico que escravizava e humilhava as mulheres. Ela foi inflexível quanto a essa escravidão como mostram algumas de suas metáforas mais marcantes.” (HEDGES, 2016, p. 99).

Tal premissa corrobora com Alves e Amorim (2020, p. 7), as quais argumentam que “a obra de Charlotte Perkins é uma Literatura que instiga a pensar sobre a

categorização de classes sociais que impõe a mulher na condição de objeto e ser inferior frente ao homem, e desmistificar esse padrão legitimado e injusto, principalmente para as mulheres”. Por este motivo, a obra de Charlotte é uma obra feminista.

Charlotte defendeu intensamente os direitos da mulher negados ou negligenciados pelo patriarcado, mesmo não participando diretamente do movimento sufragista, “por considerar seus objetivos limitados demais dentro da visão mais radical que nutria sobre a necessidade de mudança social.” (HEDGES, 2016, p. 81), ela era uma mulher consciente dos progressos de seu tempo e sabia fazer uso do seu lugar de fala, para levar outras mulheres a também se manifestarem e lutarem por seus direitos e por ocupar todos os espaços sociais.

Essa visão feminista de Charlotte está presente em toda a sua obra, desde a produção literária (poesias, contos), a sua obra considerada de não ficção, como por exemplos:

- O papel de parede amarelo (1892)
- Women and Economics (1898)
- The home, its work and influence (1903)
- Our Androcentric culture or the Man-made world illustrated (1911)
- Terras das mulheres (1915)
- With her in ouland (1915)
- The living of Charlotte Perkins Gilman: an autobiography (1935)

Nesses textos selecionados para exemplificação da obra, a figura feminina é destaque em uma abordagem crítico-reflexiva por Charlotte. São mulheres fortes, seguras e donas de si, em todas as suas condições físicas. São mulheres que desconstrói o perfil de graciosidade e fragilidade do patriarcado. Das jovens às velhas todas seguram a tocha firme nas mãos – na metáfora de Perkins, elas estão unidas para defenderem todas; na terra das mulheres ficcionalizada por Gilman no decorrer de sua escrita, as mulheres não têm mais nervosismo, terror ou medo; inquietação, curiosidade ou animação diante de um homem, as mulheres têm liberdade para viver a vida delas, conforme elas acreditam que deve ser a vida, com liberdade, igualdade e fraternidade, de fato, não a do slogan do discurso romântico idealizado.

Na verdade, para quem acredita na liberdade e na conquista de direitos para se viver dias melhores nesse mundo androcêntrico e arcaico, o discurso de Gilman é o discurso de todos e de todas, por isso, Gilman está cada vez mais presente em nós. Logo, “ler Charlotte Perkins é também uma maneira de libertar todos aqueles do papel de parede social que sufoca e prende, que obriga a viver conforme o padrão, mesmo aquele que não se encaixa. É uma forma de refletir sobre o mundo subpadrão, que muitas vezes, pode ser considerado o melhor para quem escolheu viver de forma diferente.” (ALVES; AMORIM, 2020, p.7).

Charlotte procura conscientizar, por sua escrita, as mulheres e os homens a viverem em um mundo de direitos iguais e aceitarem as diferenças dos outros, a buscarem sua felicidade, mesmo que esta não esteja atrelada a um ambiente familiar. Por isso, ler a obra de Charlotte Perkins Gilman, cada vez mais, torna-se uma leitura necessária.

Referências

ALVES, Cristiane de Mesquita; AMORIM, Joyce Cristina Farias de. Terror, saúde mental e patriarcado em *O papel de parede amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman. **Revista Resenhando** (UNIFAL- MG), n. 2.v. 1, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/resenhando/article/view/1271>. Acesso em 10 jan. 2021.

CORRÊA, Renata. Prefácio de Terra das mulheres. In: GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das mulheres**. Trad. Flávia Yacubian. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das mulheres**. Trad. Flávia Yacubian. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

HEDGES, Elaine R. Posfácio. In: GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo**. Trad. Diego Henriques. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.



Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.

Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclapp.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>



POETAS ALÉM DO TEMPO

POR PIETRO COSTA

*(...) O poeta é semelhante ao príncipe da altura
Que busca a tempestade e ri da flecha no ar;
Exilado no chão, em meio à corja impura,
As asas de gigante impedem-no de andar.*

O Albatroz, de Charles Baudelaire
Da obra *As Flores do Mal* (1857)



A vida do poeta não pertence a uma temporalidade, tampouco se finda em uma lápide, mas é esculpida, sentida e transformada na carne e no coração de seus versos e obras, os seus restos imortais, a mover, inspirar e encantar sucessivas gerações.

Pode ocorrer de um poeta não ser plenamente compreendido em sua época, pela profundidade ou sutileza de sua mensagem, todavia, a sua poesia se destina à eternidade, porquanto pincelada nos matizes vários de telas operosas e delirantes para reanimar a vida em novos *dégradés*, e também modelada por mãos nuas e inquietantes, para desnudar a fina película da realidade, em suas belezas e

contradições.

O poeta ultrapassa os confins do tempo porque faz de suas palavras, asas, como um albatroz destemido, que utiliza as correntes de inspiração em seu proveito, para o plainar altivo em direção a horizontes inesperados, longínquos. Nas ilhas mais desabitadas é que constrói o seu ninho.

Não são contidos pelas grades da linguagem, dos usos sociais e da fé cega na crença de dogmas infundados.

Gritam polifonicamente, em suas vozes várias, líricas, irônicas, melancólicas e saudosistas, a favor do amor e da liberdade.

Pedalam ao encontro do inusitado e do cotidiano, do sol oculto e do escândalo. Buscam divisar os limites entre o orgulho e a vaidade. Perscrutam o encanto e o desencanto de cada instante. Sondam os legados e tragédias de cada povo ou tradição. Caminham entre a barbárie e a civilidade.

Fundem-se à natureza para defendê-la contra as ofensas da ganância insensata e da desumana torpeza.

Disparam libelos de igualdade para debelar todas as formas possíveis e inimagináveis de *apartheid*.

Reinventam dicionários e cavam sentidos.

Ouvem os ecos sepultados dos signos.

Enfrentam os meandros obscuros de caracteres e do processo criativo, onde moram os Minotauros, na procura dos versos perdidos.

Anseiam por uma experiência humana reencontrada com os silêncios, medos e sentimentos deserdados nos subsolos da alma, além das fronteiras do que está posto ou institucionalmente permitido.

Todos somos poetas em potencial, uma vez que equipados com a força emancipadora da criatividade e da imaginação brincante, que se diverte com a musicalidade das metáforas, metonímias e ambivalências da linguagem, a entoar a dança entre os corpos da palavra e os estados de espírito, emoções e ideias que revestem o nosso eu lírico.

É nesse *ballet* de forças humanas e sobrenaturais, que poetas revezam as realidades e os passos a mais, atraindo luzes ao palco da vida, para além dos simulacros sem vida vislumbrados pelas nossas tolas e passivas pupilas.

Nos versos livres e sua geografia imprevisita, ou nas coordenadas precisas dos sonetos presentes nesse compêndio, podemos aeronavegar pelas nossas retinas, revivendo ou subvertendo situações e momentos. Afinal, a literatura, já dizia Rilke, é a revelação do ser humano para si mesmo. Ouso acrescentar que ela tem o condão de ressignificar a simplicidade e absurdidade da existência. De transcender a realidade imediata.

A *poiesis* nos resgata e nos excede, quando apalpa no corpo da palavra o sonho dantes confinado na pele. Quando faz acordar o devaneio outrora letárgico na alma.

Na gloriosa arte poética, as telas, cenas, obras e paisagens monótonas são restauradas pelas tintas vívidas de paixões, sabores, saberes, culturas e vivências, e tudo ganha densidade no contorno e no relevo, tudo é salvo da opacidade e do esquecimento.

É no versejar engenhoso e sensível de poetas além do tempo, que a *musa* desfila a sua autonomia e glória. No solitário instante vertical em que revira a areia da ampulheta, torna toda medição obsoleta e banal, desvencilhando-se da sedução (ou maldição) das horas.

CAMISA DEZ CELESTE

Pietro Costa

Gritam os fãs, pelos seus passos imperfeitos
Choram as torcidas, pelos seus passes de gênio

Aguerrido e incansável lutador nos gramados
Povos ao redor do planeta, tristes e enlutados

Envergou a Camisa 10 com garbo, honra, astúcia
Maestro que finalizou, nesta data, sua partitura

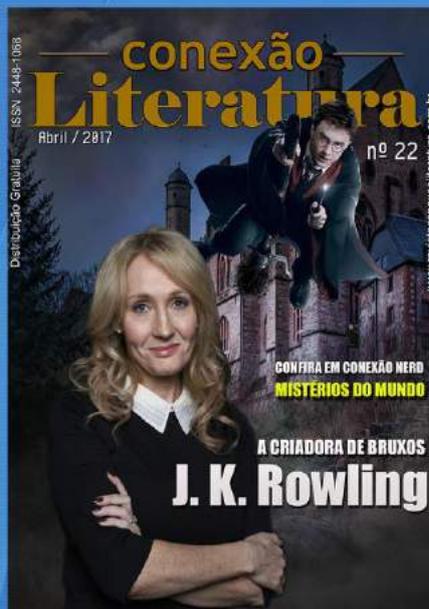
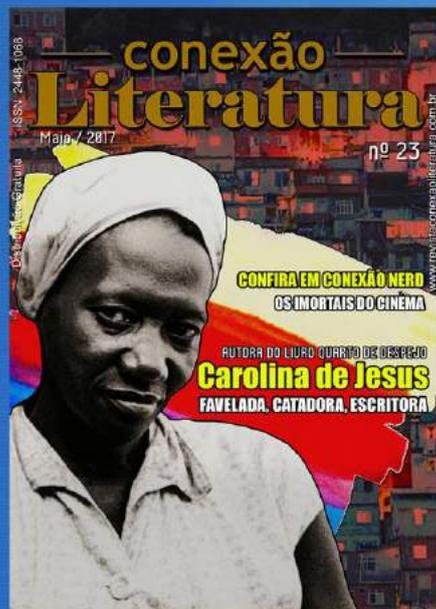
Nos campos celestes, majestosa cerimônia
Para aquele que encantou o esporte bretão
Recepção ao inimitável Diego A. Maradona
Pibe de ouro, imensurável a nossa gratidão





Pietro Costa é Escritor, Poeta, Agente e Produtor Cultural, Comendador e Embaixador da Paz da OMDDH, presidente da Academia Cruzeirense de Letras, Acadêmico Internacional da FEBACLA, Representante do Brasil no Congresso Universal de Escritores (Lima/Peru), integrante da ACILBRAS/AIL/Literarte/Cultive/AILB/Mágico de Oz, autor de 4 obras literárias, co-autor de mais de 50 coletâneas, detentor de diversas honrarias, prêmios e títulos.

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

POEMAS DE ANTONIO DI BIANCO

Serei livre

Eu estarei livre

Livre,

livre

Enquanto me afasto na ponta dos pés
da desolação caótica de minha cidade.

Dessas ruas escorregadias cheias de lágrimas

Dos bairros,

que falam de uma vida,

que eu gostaria de me costurar de maneira diferente.

Liberte-me,

Livre para ir.

Mais forte que o vento contra as copas das árvores.

Mesmo na magia da noite cheia de pensamentos.

Vá para o céu.

Entre a luz fraca das luzes da rua.

Me deixa ir devagar

enquanto tudo o que tenho dentro,

emerge do abismo.

Como o vôo de uma borboleta em direção ao oxigênio.

Estou cansado de viver como os outros gostariam.

Que eles me julgam também

porque

Eu quero ser livre, livre para amar.

Não tenho mais tempo

Porque tenho pressa de ser quem eu sou.



E não vou sofrer mais.
Vou andar entre as pessoas
segurando sua mão com força.
Estou orgulhoso do que fiz.
De todas as passagens aéreas e dos caminhos percorridos.
Para correr para você
mais rápido que a luz.
E me encontrar em todos os cantos do mundo.
Me mostrando que apesar de tudo
Posso ser feliz
Eu quero dançar mesmo se falhar em todos os passos
Não importa se agito minha alma
Quero ser livre,
livre para sair da letargia,
do medo de não poder dizer
que as coisas do amor
São simples.
Quero ser livre,
de não ser amigo do espelho.
Livre, livre
como o céu infinito.
Perdido no azul de mil asas mais brilhantes que o sol.
Eu estarei livre, livre para respirar
longe do meu quartinho,
e mentes esmagadas.
Das vozes que correm
e que não fazem mais mal.
Estarei pronto,
Eu vou reunir as mesmas forças

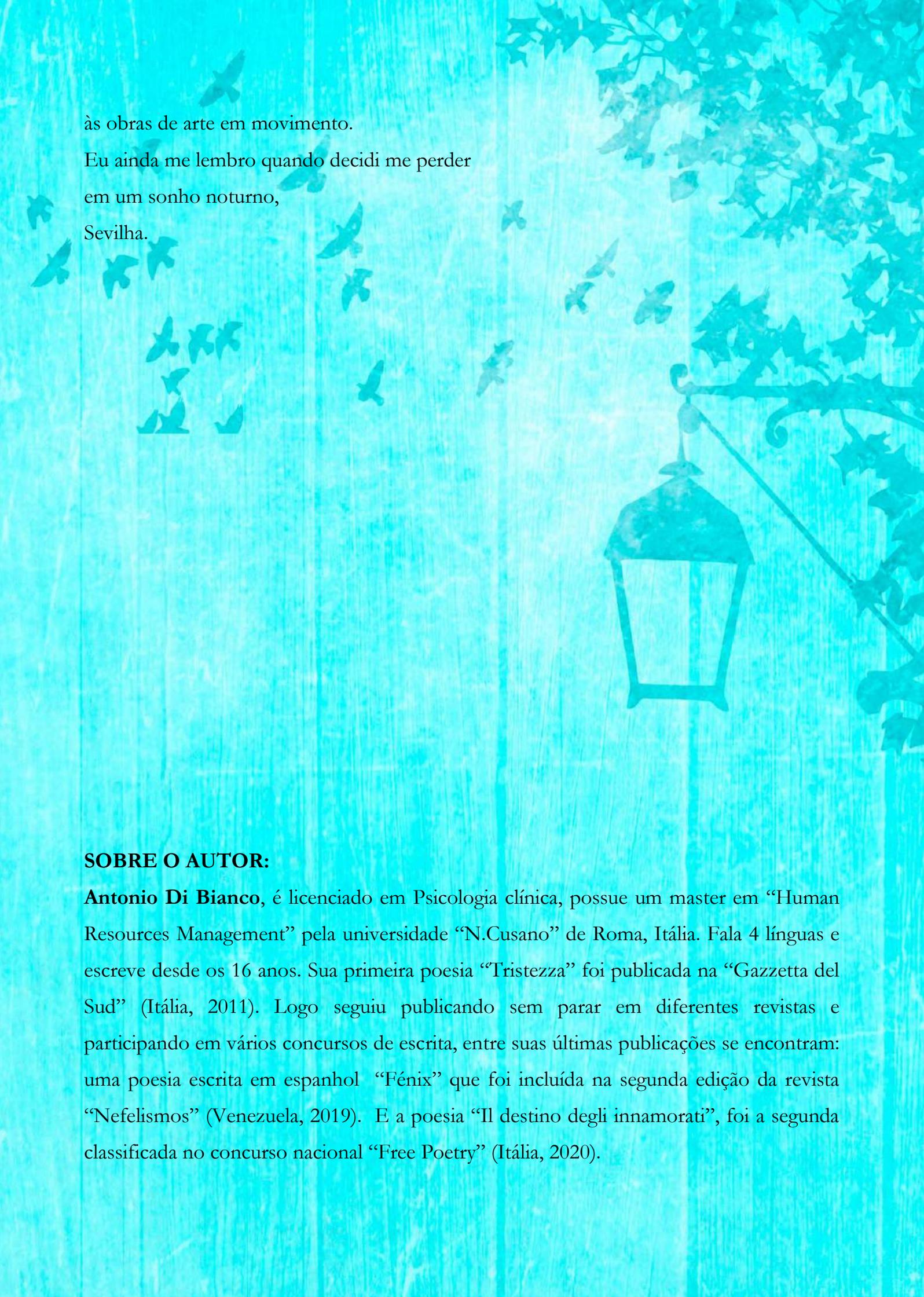


com as quais eu nasci
Vou encontrar minhas próprias belezas do coração.
Sem nunca cair.
Eu estarei livre, livre
para me sentir bem.

Sevilla

O coração encontra cor novamente
e eu vivo de novo
nada mais sublime
encontrei
no calor dos outros.
Torres douradas e estilos picantes.
música e canções.
E todo o mundo se encontra.
No caloroso abraço da chuva de verão
isso me faz sentir vivo.
O coração bate, mas não te digo.
Então eu lembro que eu tenho novamente
um mundo inteiro para admirar,
cheiros e amor para sentir.
que se misturam novamente em meu coração.
Desde que decidi me perder
para descobrir o mundo.
Eu não sou insensível



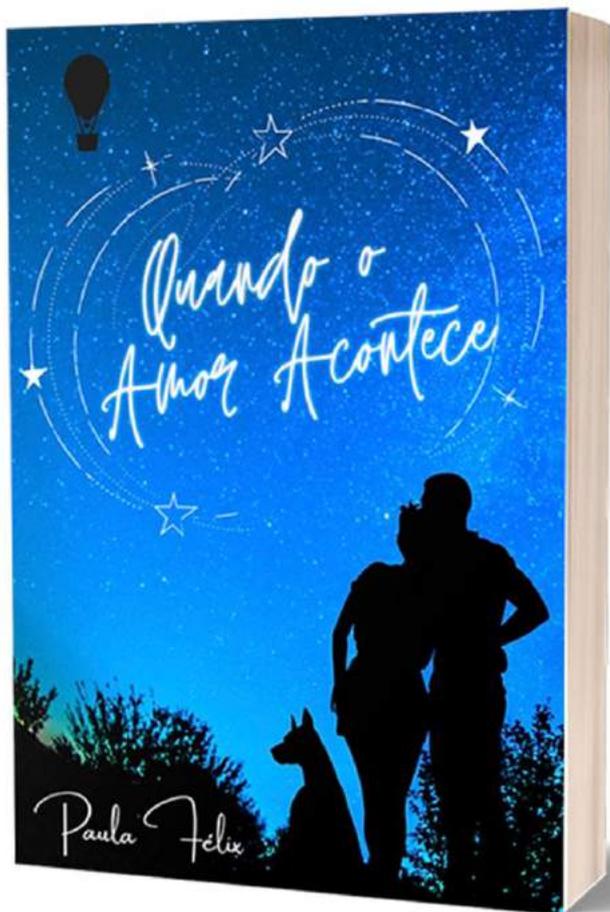
The background features a light brown wooden fence with vertical planks. Scattered across the scene are numerous small, dark grey silhouettes of birds in flight. On the right side, there is a decorative wrought-iron bracket with a scrollwork design, from which a black lantern hangs. The lantern has a hexagonal body and a pointed top. The overall aesthetic is rustic and artistic.

às obras de arte em movimento.

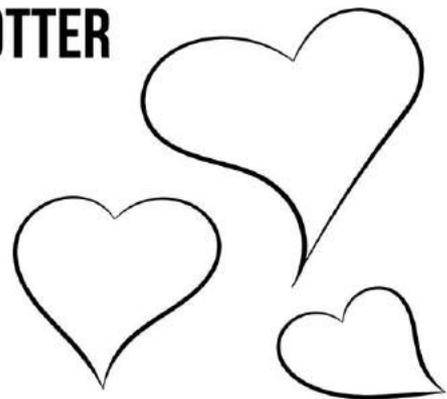
Eu ainda me lembro quando decidi me perder
em um sonho noturno,
Sevilha.

SOBRE O AUTOR:

Antonio Di Bianco, é licenciado em Psicologia clínica, possui um master em “Human Resources Management” pela universidade “N.Cusano” de Roma, Itália. Fala 4 línguas e escreve desde os 16 anos. Sua primeira poesia “Tristezza” foi publicada na “Gazzetta del Sud” (Itália, 2011). Logo seguiu publicando sem parar em diferentes revistas e participando em vários concursos de escrita, entre suas últimas publicações se encontram: uma poesia escrita em espanhol “Fénix” que foi incluída na segunda edição da revista “Nefelismos” (Venezuela, 2019). E a poesia “Il destino degli innamorati”, foi a segunda classificada no concurso nacional “Free Poetry” (Itália, 2020).



RESENHA QUANDO O AMOR ACONTECE POR RAFAEL BOTTER



Sinopse:

Samira sempre soube que seria professora, tem orgulho de poder seguir a mesma profissão que a mãe. Ela leva uma vida rotineira, mas é feliz vivendo com o pai e a irmã mais nova. Há alguns anos, a vida de Miguel mudou, drasticamente. Após uma noite regada a álcool e diversão, ele sofreu um acidente que infelizmente o deixou cego. Quando Samira cruza seu caminho com a ajudinha de Bruce, seu cão-guia, Miguel tem apenas uma única certeza, será incapaz de ficar longe dela.

Impressões:



Existem livros que abalam nossas estruturas emocionais, revirando um misto de amor e ódio com personagens e situações, levando o leitor para dentro de toda história. É o caso da obra “Quando o Amor Acontece”, da autora Paula Félix.

O romance possui dois protagonistas, Samira e Miguel. Jovens que possuem personalidades diferentes do qual o destino acabou unindo os dois jovens sonhadores.

Paula Félix mostra uma habilidade ímpar em sua escrita. Em cada linha o leitor sente toda emoção dos personagens criados pela autora. Outro ponto forte que merece ser destacado é pelo dinamismo entre os personagens primários e secundários, deixando assim uma história e trama fluída logo no primeiro capítulo.

“Quando o Amor Acontece” é recomendado para os leitores que apreciam uma boa história de amor, algo do tipo novela das 7. Possui seus momentos clichês? Sim, possui. Entretanto! Paula Félix soube dosar todos os momentos para que nada fique enjoativo ou cansativo.

Essa paixão avassaladora de Miguel e Samira faz toda diferença. Ambos possuem vidas e situações completamente diferentes um do outro, porém o amor de ambos superam tudo e todos. Uma obra que merece ser lido e estar na sua estante.

Título Original: Quando o Amor Acontece

Autora: Paula Félix

Editora: Koinonia/ Frutificando

Páginas: 180

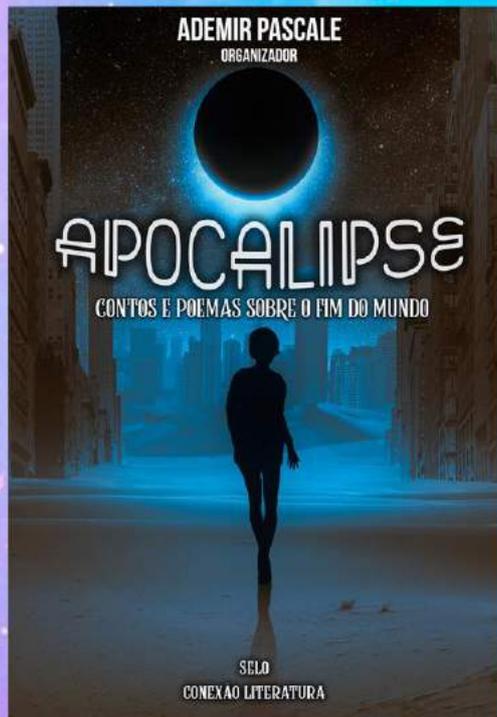
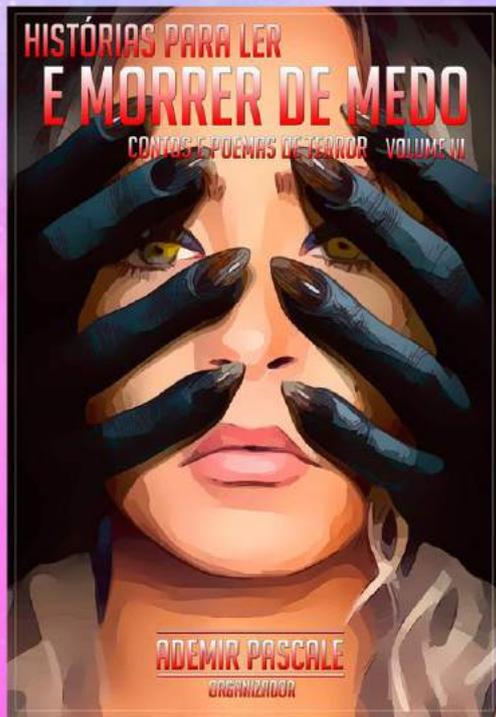
Ano Lançamento: 2020



Rafael Botter nasceu lá pelas décadas de 80/90. Vive em Ibitinga interior de São Paulo. É apaixonado por literatura e pretende seguir carreira como escritor e crítico literário. Escreve para o blog literário Livreando e participa do Podcast Edição Rápida. Suas outras paixões são tudo sobre astronomia, cosmologia e astrofísica, além de ser viciado em jogar xadrez.

E-mail: botter.rafael@gmail.com

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA**

**ACESSE:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**



REFLUXO DE HOUAISS

POR LUIZA KHOURY

O ser humano, seja ele um corpo preso a um cérebro ou vice-versa, é uma máquina perfeita. Cada funcionalidade, sensação e experiência é milimetricamente ditada por uma mistura de células que se conecta. Alguns podem optar pela explicação divina de que a vida é um sopro milagroso. Minha perspectiva, no entanto, requer a explicação do milagre, ainda que não exclua seu caráter de santidade.

Ao receber um estímulo externo, o corpo humano começa a produzir sua resposta. Proteínas são sintetizadas, fluxos alterados, sinapses ocorrem a todo vapor... e, assim, são liberados os hormônios, os quais se juntam formando fórmulas e mais fórmulas. Estas, meu caro leitor, são chamadas por você de sentimentos. Simples reações químicas que, com mínimas diferenças, expressam resultados quase paradoxais.

A verdade é que o amor e o ódio não se encontram próximos apenas no ditado popular. Sua principal fonte de energia é a adrenalina, disparada para que os dois estímulos possam acontecer. Seria ainda mais comum a confusão entre o desprezo e a paixão não fosse pela existência de um fator diferencial: a serotonina. Conhecida como “o hormônio do amor”, é ela a responsável pela alegria súbita experimentada por todos aqueles que se aventuram a amar. Apesar disso, o coração acelerado, as pupilas dilatadas e

o estado de êxtase não tem nada a ver com a felicidade em forma de hormônio - se é que sua existência comporta outra formação.

Contudo, a verdadeira questão que trago não é sobre o funcionamento do organismo humano, por mais que ela seja interessante o suficiente para outro momento. Num encontro posterior, quem sabe, possamos compreender cada estímulo recebido e expelido por nosso abrigo. Por agora, gostaria de seguir apenas um dos tantos vieses que a máquina perfeita que é o corpo me permite. Mais especificamente, um que apenas o humano é capaz.

A linguagem vai além de simples hormônios, apesar de também estar relacionada a uma certa proteína cujo nome não muda meu ponto. Acontece que tudo feito pelo homem é baseado naquilo que ele compreende e conhece. Nossas descobertas são eternas derivações daquilo que sempre nos foi apresentado e, ao falar da habilidade comunicativa, por que seria diferente? Se nós somos meras composições, como a linguagem não seria?

Nivelemos, no entanto, mais uma vez. Vamos analisar apenas a última flor do Lácio, inculta e bela. Se somos compostos por eternas derivações, dicotomias e oposições, não há nada mais natural que a Língua Portuguesa seja igual. Ela também nos mostra que os opostos, como amor e ódio, estão próximos. Em alguns casos, por exemplo, são separados por nada mais que uma sílaba.

O que separa uma pessoa feliz de outra infeliz, senão duas letras? Tratam-se de uma única sílaba. Qual o impacto que um pequenino morfema, o átomo da palavra, pode ter na vida de alguém? É difícil medir as palavras em palavras, quando de fato observamos. Ainda que exista a medida – um prefixo – ela não parece suficiente. Uma derivação é capaz de mudar por completo um contexto, separar dois opostos. O singelo “in” é a serotonina do sujeito ao qual forem atribuídas tais características.

Mas não se engane, a proximidade daqueles opostos não é um caso isolado. Pequenos morfemas também separam a graça de um milagre da desgraça de uma maldição, o entusiasmo de um prefácio - começo de uma aventura - da melancolia do

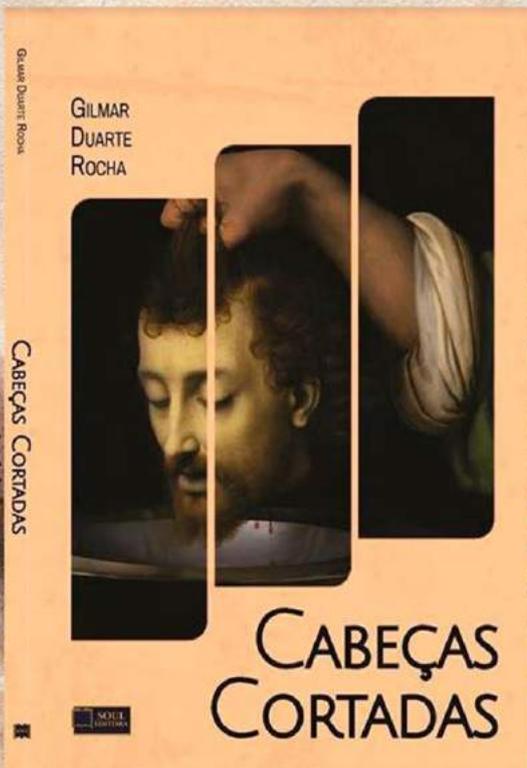
posfácio - quando é feita a despedida de mais uma história. Os paradoxos e as antíteses caminham lado a lado no corpo, na vida e na língua. Um pequeno detalhe, que passa despercebido por tantos, é capaz de toda a diferença. Os opostos de fato se atraem, mas apenas porque, em essência, não se opõem.

O comum a todos os elementos da vida é justamente o fato de que seu determinante é um detalhe. Sempre existirão coisas próximas, mas haverá algo que resolve o mistério, um qualificador. Em termos de corpo humano, ele pode ser o DNA. A famigerada sigla, correspondente ao nome ácido desoxirribonucleico, nunca se repete. Mesmo em gêmeos univitelinos, o código genético não mente. Podem parecer a mesma pessoa em físico, voz, trejeitos e até gostos, mas duas fitas determinam que são duas pessoas diferentes. Por isso, também, falam diferente.

O Português opera da mesma forma. Já te ocorreu como uma letra pode mudar tudo? Um homem com uma esposa pode ter uma vida perfeitamente pacata e tranquila, mas e um com esposas? Ao contrário do outro, pode ser preso por bigamia. Uma letra que altera todo um contexto. Uma letrinha com o poder de afetar o destino de mais de uma pessoa. Um detalhe que torna o contexto único.

Sabe, meu paciente interlocutor, talvez você não tenha entendido o ponto de meu raciocínio. Chego a duvidar do meu próprio entendimento do assunto... e é justamente esse o fator que, ao meu ver, torna a lógica correta. Em meio a tantas exceções, detalhes e semelhanças, como seria possível compreender por completo o corpo humano ou a forma que escolhemos materializar a linguagem? O que sabemos, senhoras e senhores, é que somos assim. Feitos de eternos “quases” e fatores que beiram o imperceptível. Claro que, se é nossa forma de ser, só compreendemos o que se iguala. Sejamos, então, esta mistura doida e deliciosa de sufixos, prefixos e desinências. Deixemos que nossa vivência seja derivativa, assim como a justaposição dos sistemas que nos permitem respirar. Que a máquina dite a vida, amém.

Luiza Khoury, carioca nascida em 2002, é estudante de Letras na PUC-Rio. Desde a infância, procurou e encontrou na escrita seu refúgio do mundo real. Com Adélia Prado, aprendeu que o que escreve, sente. Cumpra a sina e busca, sempre, viver “com licença poética”.



Livro

Cabeças Cortadas

do autor Gilmar Duarte Rocha

"Cabeças rolam! Cabeças de Leonardo da Vinci. De Rafael. De Giotto. De Veronese. De Shakespeare. De renascentistas. A polícia federal do Brasil na esteira do suposto sucesso de uma grande operação recente de combate à corrupção, empreende mais um sofisticado e complexo esquema de investigação policial a partir de vestígios de lavagem pesada de dinheiro que tem como ponto de conexão a cidade de Florença, Itália, o berço do Renascimento.

Mas o que a corporação não prevê é que esse complexo engenho de podridão e degradação não envolve apenas políticos e funcionários corruptos. Envolve a própria polícia, milicianos, banqueiros e altos empresários, nacionais e estrangeiros, interessados em algo muito precioso que o Brasil guarda e que terá valor maior que ouro e petróleo num futuro não muito distante.

Leitura obrigatória para pessoas interessadas em entretenimento, tecnologia, semiótica, cibernética e em uma boa história. "

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

AMAZON BOOKS KOBO APPLE

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

ALINE BASZTABIN

POR ADEMIR PASCALE



Quem é **Aline Basztabin**? Ela é descendente de poloneses que imigraram para o Rio Grande do Sul. Ela gosta de filmes antigos e tudo o que é relativo aos anos 50. Adora uma boa risada em meio a taças de vinho ou tequila. Gosta de ser quem ela é. Não, ela não é casada como a sociedade impõe, não possui filhos e nem marido mas vive o sonho Americano o qual provavelmente você gostaria de estar vivendo. Aline Basztabin é independente emocionalmente.

Entrevista

Conexão Literatura: O livro “Nunca falhas, sempre Lições” foi publicado em 2018 pela editora Pod. O livro narra experiências de uma menina–mulher chamada Sara. Poderia contar para os nossos leitores como surgiu a ideia de escrever o livro?

Aline Basztabin: Sara é uma adolescente que se sentia perdida e sozinha como a maioria dos jovens da nova geração. Se achava a dona da verdade e gritava alto para todos saberem que ela havia chego no lugar. A personagem Sara é muito querida, o problema é que como ela era muito sozinha e sem suporte da família, precisou passar por algumas experiências não tão legais para amadurecer e entender a vida como ela é, ou seja, saber lidar com dores emocionais. O que me inspirou em escrever a personagem Sara é saber que existe milhares de adolescentes na mesma situação, talvez as experiências dela com namorados e crescer sem o suporte dos pais. Ou seja, o mesmo que algum adolescente por aí esteja passando. É um livro de autoajuda e romance.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Nunca falhas, sempre lições”. Poderia comentar o que mais gosta na personagem Sara e o que você diria a ela daqui uns 10 anos?

Aline Basztabin: Eu gosto muito da força de vontade que ela possui apesar de ser bem sozinha e não conseguir entender as coisas. Gosto da inocência dela em termos de não guardar nenhum rancor e pedir ajuda. Gosto da humildade dela. Ela consegue no desenrolar do livro tirar valiosas lições em cada dor emocional que ela vivenciou.

O que eu diria a Sara, fica tranquila que vai dar tudo certo! hehehe

Conexão Literatura: Como foram as suas expectativas em publicar algo tão diferente e quanto tempo levou para concluir sua obra?

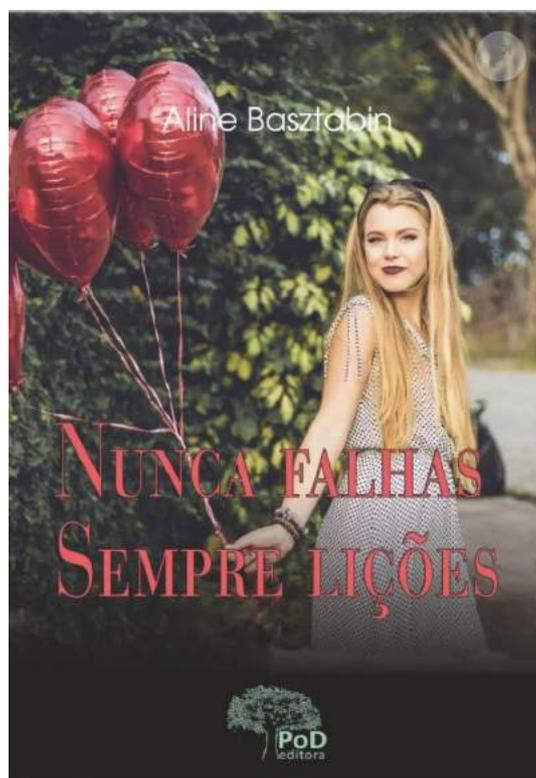
Aline Basztabin: Realmente escrever sobre amadurecimento e dores emocionais geram expectativas porque são fases da vida que todos nós passamos. Minhas expectativas são compartilhar essas vivências de Sara e alguém dizer “ei, eu entendo a Sara, já passei por isso”. Esse livro foi escrito com muito carinho e dedicação, mas claro que tudo que é feito com dedicação leva um certo tempo para ficar pronto, o qual me tomou 1 ano para que finalmente Sara tivesse pronta para ser lida.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Aline Basztabin: Existe vários trechos mas o qual eu mais gosto é quando ela descobre que tem crises de ansiedades e vai buscar ajuda profissional.

“Um dia eu fui na biblioteca da faculdade. Procurei desesperadamente livros contendo assuntos sobre os sintomas iguais aos meus. – isso só pode ser psicológico. – pensei. Achei um livro. “Como lidar com ansiedade e Crises de pânico”. Aquele livro salvou minha vida. Lembro bem de uma frase que me chamou muito a atenção: “pare de ficar dormindo no ponto e busque ajuda profissional se você estiver sentindo esses sintomas”. – Claro! – pensei. – Se eu não consigo comigo mesmo, devo buscar quem possa me ajudar. E foi o que eu fiz. Uma conhecida minha me indicou uma psicóloga muito boa. Não estava sabendo lidar com aquela situação sozinha e aquelas crises de sei lá o que na época, me impedia de sair com o pessoal da faculdade, de dirigir o carro, de ir no cinema e de até pegar um elevador. Sim, meu caro leitor, eu fiz tudo sozinha. Eu tinha que me virar pois eu não tinha ajuda de ninguém. Eu não tinha tempo para esperar alguém me socorrer de mim mesma. Eu deveria visitar essa psicóloga o quanto antes. Criei coragem e liguei para a tal da psicóloga e longo agendei uma consulta. Nunca me importei com que as pessoas poderiam pensar sobre pessoas que vão em psicólogos. Mas claro, não contei para ninguém que iria visitar uma psicóloga, nem ao menos ao Diego. Eu só queria me curar e me sentir bem de novo”.

Conexão Literatura: Você também é autora de outros romances, poderia comentar?



Aline Basztabin: Meu primeiro lançamento foi o livro “ A Indiscutível forma de Amar” o qual esta atualmente passando por revisão. Gosto muito desse trabalho pois esse romance é praticamente uma forma diferente de amor. O Segundo lançamento foi o livro ‘ A Essência da Dor’ o qual é baseado em fatos reais de um sobrevivente da segunda Guerra mundial e com certeza é um dos meus favoritos. Ambos podem ser encontrados no site da editora Baraúna.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro “Nunca falhas, sempre lições” e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Aline Basztabin: o livro está disponível no site da editora Pod.

Conexão Literatura: O que você aprendeu em escrever esse livro?

Aline Basztabin: Que a personagem Sara é uma guerreira independente das situações. Sempre há o que aprender.

Perguntas rápidas:

Um livro: Atualmente lendo Mnay lives, many Masters – Brian L. Weiss.

Um (a) autor (a): Brian L. Weiss.

Um ator ou atriz: Kevin Kart.

Um filme: Twilight Zone – Tv show.

Um dia especial: Todos os dias que tem sol !!!!! sol é vida!

Aline Basztabin: Comprem meu livro! Hahah, estou brincando mas estou falando sério viu... também agradeço pela oportunidade de estar com vocês hoje.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA

ANNA LIZ

POR ADEMIR PASCALE



Anna Liz é de Santa Luzia, Maranhão. Poeta, cronista e professora. Tem participação em mais de 50 antologias lançadas no Brasil e em diversos outros países, além de já ter publicado seis livros solo, um dueto poético com o poeta Gil Betto Barros. Ao longo de sua trajetória recebeu alguns prêmios de Literatura de entidades relevantes no campo literário no Brasil e em outros países. Faz parte de algumas Academias e Núcleos Acadêmicos de Letras e Artes no Brasil, Chile, Argentina e Portugal. Atualmente, é presidente/coordenadora da Associação de Jornalistas e Escritoras Brasileiras, coordenadoria Maranhão/AJEB-MA.

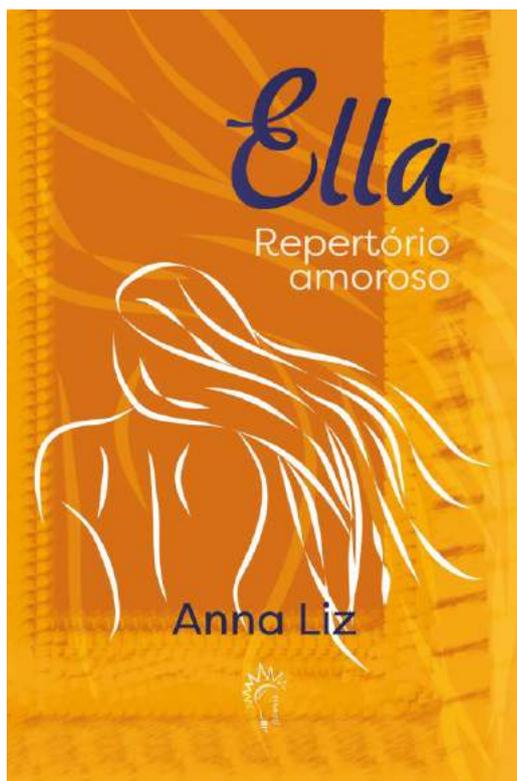
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Anna Liz: Comecei a gostar de literatura desde a infância, por meio dos cordéis que eu lia para minha avó a pedido dela. Sempre fui muito recolhida (tímida), então a leitura e a escrita eram (são) minhas companheiras. Aos 14 anos de idade, escrevi o meu primeiro poema “Desalento”, que está publicado no meu primeiro livro. Em 2007, comecei a reunir os poemas escritos, procurei uma editora e lancei-me no mundo da literatura, como quem produz também. De lá para cá publiquei 06 livros solo (Conversa de Alguém que sente – Scortecci, 2008; Disperso em verso – Scortecci, 2015; Retalhos de Liz - Penalux, 2018; Sob(re) a pena escondida, Penalux, 2018; Ella – repertório amoroso, Penalux, 2020; Ella – repertório do cotidiano, Lucel, 2020; e o dueto Quatro mãos: todas com poesia, com Gil Betto Barros – Scortecci, 2010. Participei (ainda participo) de várias antologias publicadas no Brasil e em vários outros países.

Conexão Literatura: Você é autora dos livros "Ella - Repertório Amoroso" e "Ella - Cotidiano". Poderia comentar?

Anna Liz: Ella – repertório amoroso é um livro de poesia sobre e para a mulher e dividido em três repertórios: 1. Repertório da perda – aborda sobre a relação da mulher com as perdas “amorosas” e outras, como “ em um momento de fragilidade/nos damos conta das perdas/ mas por toda vida perdemos...(poema p.12); 2.Repertório do amor – sobre a mulher e suas relações com outros (as), “teu corpo é todo/meu suspiro/escutar a tua voz/ver teu tímido sorriso/queima-me veia/a veia e toda/minha carne/ um espesso



brasido...(poema da p. 45; 3.Repertório da existência – sobre a relação da mulher consigo mesma, com o tempo e com a escrita, “Há um profundo silêncio/dentro de mim/e é neste silêncio/que encontro a essência/ da palavra que não digo/e no silêncio derramo/ toda minha alma/e não me esvazio:/ - a alma é infinita...(poema p.58), .

Ella – repertório do cotidiano – é um livro de minicrônicas, em que o universo feminino está intrinsecamente ligado às dores e superações. Parte 1 – Ella por ela – aborda sobre o fazer literário, o dia a dia da mulher que escreve, trabalha, cuida da casa, cuida dos outros, cuida de si mesma e supera as dores e decepções; a primeira minicrônica resume: “Faz de conta que é poeta para não sucumbir às decepções”; Parte 2 – Ella e o cotidiano amoroso – as traições, as decepções amorosas, “A luz da lua banhava a rua e a sua face, era mais uma noite em que esperava o marido, agora sem expectativas...” .

Parte 3 – Ella e as viagens – sobre as viagens reais e imaginárias – “ Voar é uma das metáforas mais antigas para a liberdade. Mas, hoje, peço permissão para dizer que voar é ir ao encontro daqueles que mais amamos...”

Os dois livros são ilustrados por mim, com line draw – traços femininos, retratando (tentando retratar) cada sentimento.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Anna Liz: Eu sempre leio bastante, falar sobre a mulher e seu universo sempre foi muito necessário, lendo outras escritoras, como Chimamanda Adichie, Conceição Evaristo, Lindevania Martins, Luiza Cantanhêde, Sharlene Serra, Heloisa Sousa e tantas outras, senti a necessidade e o desejo também de escrever sobre o protagonismo feminino. O tempo para escrever um livro é muito variável. Eu já escrevi um livro em um mês, como foi o caso de “Ella – repertório amoroso” e já passei cinco anos para organizar um livro, como foi o caso de “Disperso em verso”. Depende muito da dedicação e da inspiração. Há momentos da vida em que é mais necessário escrever para não sufocar. Nos momentos angustiantes, costumo escrever mais.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em um dos seus livros?

Anna Liz: Cada livro tem um poema que marca muito. No livro Retalhos de Liz, há o poema “Escrever e pensar”, as duas últimas estrofes traduzem um pouco do meu fazer: “

Quando peno, escrevo/e a pena me alivia/a pena de viver/no escrever/ Quando escrevo, peno/ e a pena comigo pena/na lida de fazer/da dor um poema.

Conexão Literatura: Você também participou de várias antologias. Poderia comentar?

Anna Liz: A primeira antologia internacional que participei foi “Do Brasil para Frankfurt” da Literarte, participo todos os anos das antologias da Rede Sem Fronteiras e de diversos outras coletâneas. Em 2020, organizei a antologia “Toda forma de ser mulher”, escrita por 23 escritoras maranhenses. Este ano, estarei em várias antologias, principalmente, organizadas por mulheres – Mulherio das Letras, Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, etc.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Anna Liz: Os meus livros estão à venda no meu site: www.anaelizandra.prosaeverso.net
Nos sites das editoras: www.penalux.com.br/ www.scortecci.com.br/
Na livraria AMEI em São Luís. Encontram-se na Estante Virtual.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Anna Liz: Sim. Organização de antologias, publicação de outro livro solo em 2021, participação em Concursos Literários e outras atividades literárias, organização de Saraus e um evento em março em São Luís- MA, em homenagem ao dia da Mulher Maranhense (11 de março – aniversário de Maria Firmina dos Reis)

Perguntas rápidas:

Um livro: Ilusões

Um (a) autor (a): Richard Bach

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Sociedade dos poetas mortos/ O carteiro e o poeta

Um dia especial: Todos os dias são especiais. Os melhores são aqueles em que estou com meu filho e meu esposo.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Anna Liz: Finalizo com um poema premiado do Concurso Literário da AMEI (Associação Maranhense de Escritores Independentes)

CONTRADITÓRIOS

(Anna Liz)

Não sei se é na poesia
que se vive ou
que se morre;
não sei se a poesia
me salva ou
me condena
me esgota ou
me transborda
não sei se na poesia
me edifico ou
desmorono
não sei se ela
me exorciza ou
me possui
Não sei se ela
é mistério
é sobrevivência
é morte
é ressurreição
...
Viver é divino
Escrever é mais divino ainda



Instagram: @anna_elizandra; @ella.cronicaepoesia

Facebook: anna liz ribeiro

Site: www.anaelizandra.prosaeverso.net

Whatsapp: (98) 98109-3893

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

ANTONIO DI BIANCO

POR ADEMIR PASCALE



Antonio Di Bianco, é licenciado em Psicologia clínica, possui um master em “Human Resources Management” pela universidade “N.Cusano” de Roma, Itália. Fala 4 línguas e escreve desde os 16 anos. Sua primeira poesia “Tristezza” foi publicada na “Gazzetta del Sud” (Itália, 2011). Logo seguiu publicando sem parar em diferentes revistas e participando em vários concursos de escrita, entre suas últimas publicações se encontram: uma poesia escrita em espanhol “Fénix” que foi incluída na segunda edição da revista “Nefelismos” (Venezuela, 2019). E a poesia “Il destino degli innamorati”, foi a segunda classificada no concurso nacional “Free Poetry” (Itália, 2020).

Entrevista

Conexão Literatura: Vocês poderiam nos contar aos leitores como você começou como escritor?

Antonio Di Bianco: Eu tinha dezesseis anos quando comecei a escrever. Eu queria encontrar uma maneira de me expressar e expressar minhas emoções sem falar, também porque os outros não teriam me ouvido. Infelizmente, minha adolescência foi difícil, estive em uma espécie de "escola de elite" onde todos tentavam me intimidar e o ambiente social era realmente terrível. Eu precisava de uma válvula de escape, algo que me ajudasse a sobreviver e canalizar minhas emoções de forma saudável. Ouvindo algumas músicas pop e funk, tentei descrever os sentimentos e pensamentos que elas despertavam em mim e o que estava no meu coração nesses momentos, criando assim algo totalmente novo; Desde as primeiras letras de músicas, em poucos meses comecei a escrever poesia também. Meu primeiro poema "Tristezza" foi publicado na "Gazzetta Del Sud" em 22 de novembro de 2011, jornal que circulou em todas as regiões do sul da Itália. Desde então não parei de escrever e escrever tem sido um instrumento para "me trazer ao mundo de uma forma mais autêntica, corajosa e desmascarada".

Conexão Literatura: Você é autor de vários poemas e publicado em várias revistas. Você poderia comentar?

Antonio Di Bianco: Sim, tive a sorte de escrever muito e ter publicações em várias revistas, especialmente no ano passado minha popularidade aumentou. Já publiquei no número 28 da revista “Trinando” (Colômbia); na terceira edição da revista “Ámalón” (México); no número 8 da revista “Projeto Autoestima” (Brasil); no número 9 do jornal “Intimità” (Itália) e no número 6 da revista “Calameo” (Itália). Também participei de vários concursos literários alcançando boas posições. Desde 16 de dezembro de 2020, iniciei uma colaboração com a revista “Zomma.news” da República de San Marino, onde todas as quartas-feiras aparecerá um poema meu com a sinopse correspondente em italiano. Também fiz o mesmo com a revista "Aristos Internacionales" na Espanha, na qual, desde o número 37 (novembro de 2020), colaboro mensalmente incluindo um dos meus poemas em espanhol. Acolhi esses projetos com alegria e paixão, no momento ainda estou trabalhando neles e estarei ocupado por alguns meses. Mas espero que publiquem meus poemas novamente por muito tempo.

Conexão Literatura: Você poderia publicar dois poemas sérios para nós leitores?

Antonio Di Bianco: Claro que será um prazer: “Serei livre” e “Sevilha” serão os meus dois poemas para vocês. “Serei livre” fala principalmente da necessidade de ser você mesmo e de sair de lugares onde não temos oportunidade de crescer, enquanto “Sevilha” fala da minha viagem de estudos a esta maravilhosa cidade do sul de Espanha, algo que mudou minha vida para melhor. Além disso, já havia publicado na edição anterior desta revista (número 66, dezembro de 2020) os poemas: “A lua de Barranquilla”, “Algumas pessoas”, “Te Buscai”, “O Destino dos apaixonados” e “Natal”. Eu convido vocês a lê-los.

Conexão Literatura: Você é um autor italiano e entende o mercado editorial italiano. Ou quais editoras italianas estão publicando no momento?

Antonio Di Bianco: Parece-me que as "sagas familiares" venderam muito. Em particular, o de Stefania Auci "I Leoni di Sicilia", que conta, através de um romance denso, a vida de alguns trabalhadores italianos. Outra famosa saga composta por quatro livros é: “Dell’amica geniale” de Elena Ferrante, em que certamente existe um mistério em torno da identidade do autor. Outros romances modernos incluem "Colibrì" de Sandro Veronesi, muito interessante. Depois, há livros ligados a séries de televisão, como "Bridgerton" e "Pessoas normais", de Sally Rooney. Por último, notei que Donato Carissi, Stephen King e Ken Follet são muito apreciados.

Conexão Literatura: Que gênero literário você vê que agrada mais os leitores italianos?

Antonio Di Bianco: Acho que seria presunçoso se eu respondesse a uma pergunta semelhante para todos os italianos. Pela minha experiência pessoal, posso dizer que cada um lê o que prefere, abrangendo diferentes gêneros.

Conexão Literatura: Como ou o leitor interessado deve proceder para saber um pouco mais sobre você ou sua obra literária?

Antonio Di Bianco: Para saber um pouco mais sobre mim e meus escritos, basta pesquisar online as revistas que citei acima ou me adicionar ao Instagram: anthonyd.whites, aí eu sempre coloco todas as notícias e muito mais.

Conexão Literatura: Há novos projetos em andamento?

Antonio Di Bianco: Sim, existem vários projetos em construção. Estou trabalhando em dois livros: meu primeiro romance, uma fantasia adolescente com nuances de suspense do qual, no entanto, existem duas versões da mesma história, e também meu primeiro livro de poesia. Espero terminar tudo antes do final deste ano. Espero nos próximos meses me apresentar em novos concursos e descobrir outras revistas literárias com as quais possa colaborar. O mercado do continente americano parece muito interessante e eu ficaria muito honrado em fazer parte dele de alguma forma. De qualquer forma, eles me confirmaram oficialmente que nos próximos meses me publicarão na Argentina, Espanha e San Marino.

Perguntas rápidas:

Um livro: Manual do Guerreiro da Luz, Paulo Coelho (1997)

Um (a) autor (a): Ernest Hemingway

Um ator ou atriz: James Franco

Um filme: The Holiday (2006)

Um dia especial: 16 de fevereiro. O dia da minha última viagem.

Conexão Literatura: Quer encerrar com mais comentários?

Antonio Di Bianco: Agradeço a todos que me estão lendo neste momento, obrigado pelo tempo que me dedicaram e obrigado àqueles que gostariam de me conhecer melhor. Eu lhes mando um abraço e fico muito grato por tudo.

 revista
CONEXÃO LITERATURA

FANPAGE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

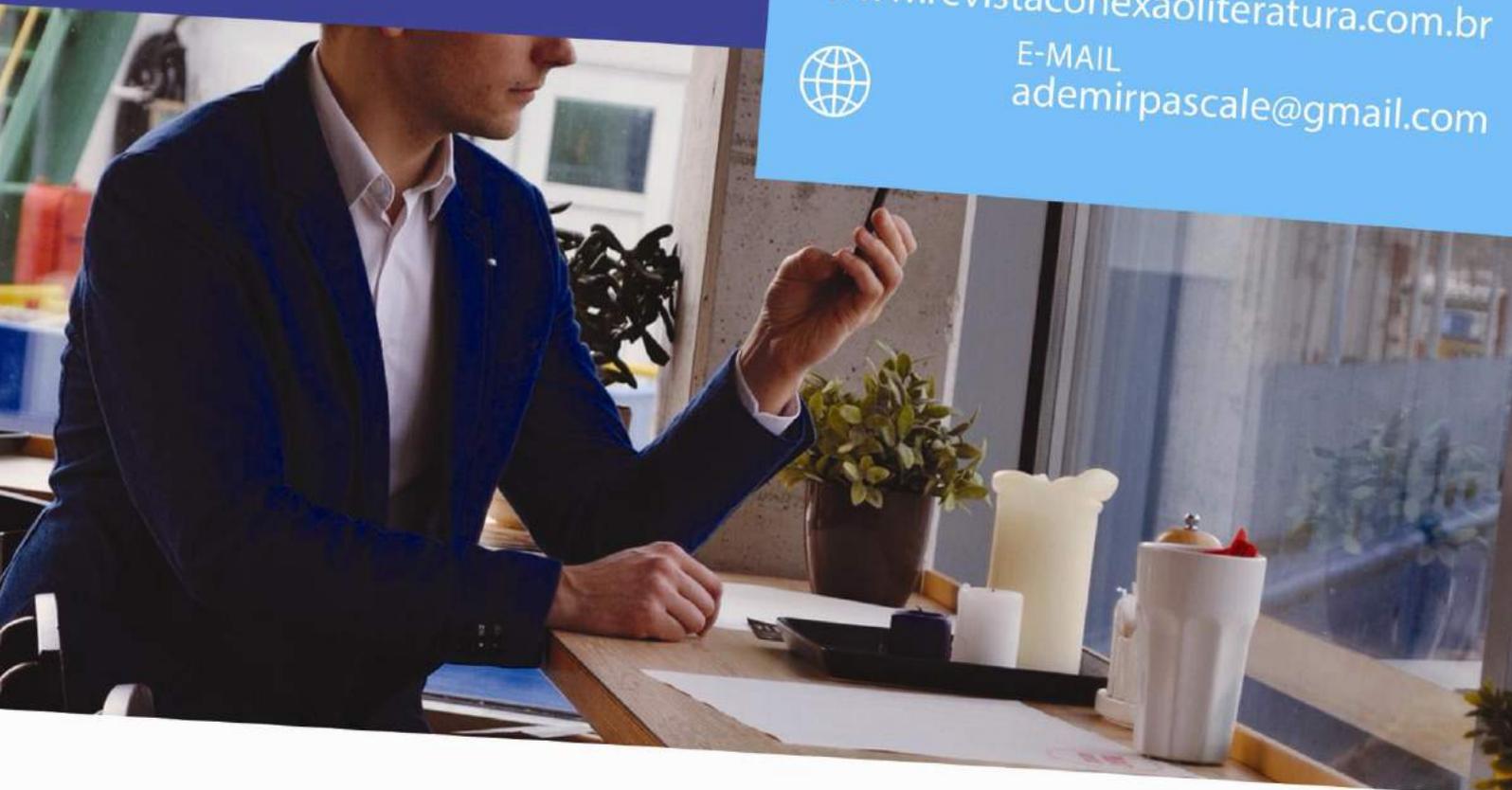
SITE

www.revistaconexaoliteratura.com.br



E-MAIL

ademirpascale@gmail.com



PACOTE DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

POR APENAS R\$ 100

Somos especialistas em divulgação de livros e autores.

Conheça o Pacote Divulgação e veja o custo/benefício

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura.

BÔNUS: Você ainda ganha a publicação do release no site da revista

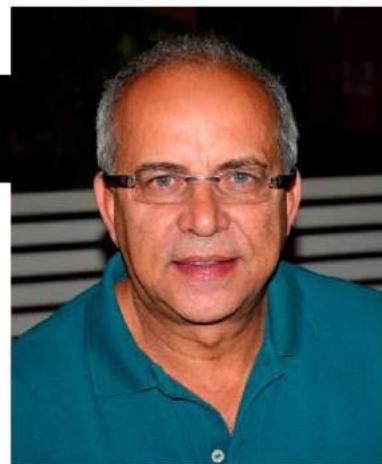
SAIBA MAIS, ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

LAÍS AMARAL JR.

POR ADEMIR PASCALE



Laís Amaral Jr. nasceu em Nova Iguaçu-RJ, no dia 3 de janeiro, dia do aniversário de sua mãe e quando os pais comemoravam um ano de casados. Acabou com a festa. O pai era serventuário da Justiça e a mãe, costureira. Viveu parte da infância e início da fase adulta, com os avós maternos. A avó, doméstica e costureira e o avô guarda da Central do Brasil, mas também lanterninha de cinema, jornalista e pipoqueiro. Como jornalista e radialista, Laís trabalhou, na sua cidade e também em Angra dos Reis – onde também foi correspondente do Globo e Resende, onde hoje reside e é servidor público municipal e colunista do jornal Beira-Rio. É botafoguense e se define como um democrata de esquerda.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Laís Amaral Jr.: Um dia um simpático atendente numa drogaria me perguntou: “você conhece algum bobo aí que escreva poesia?” Eu, num reflexo, respondi na lata: “eu escrevo”. Na verdade eu escrevia algumas coisas, mas, nem sabia que eram poemas. O rapaz ficou meio desconsertado com minha resposta e disse que a noiva dele fazia poesia e estava divulgando um concurso. O tal concurso era promovido pelo SESC. Inscrevi um poema em homenagem a Martin Luther King que ficou em segundo lugar e foi classificado para a final que acontecia em Niterói com os dois melhores poemas de cada município onde havia SESC. Foi com esse empurrão que iniciei. Constatei que alguém podia apreciar o que eu escrevia. Passados alguns anos inscrevi um conto num concurso da Universidade Federal de Juiz de Fora e fiquei em segundo lugar. Estava iniciado.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Chico Buarque – No olho mágico” (Chiado Books). Poderia comentar?

Laís Amaral Jr.: O livro tem treze contos e o posfácio. São histórias distintas, em tempos e geografias distintas. Os contos podem até conter enredos não muito comuns, diferente dos personagens. O conto Chico Buarque no Olho Mágico me pareceu um título atraente e serviria para homenagear o artista que respeito e admiro muito. Eu explico isso no posfácio (Esse Cara).

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

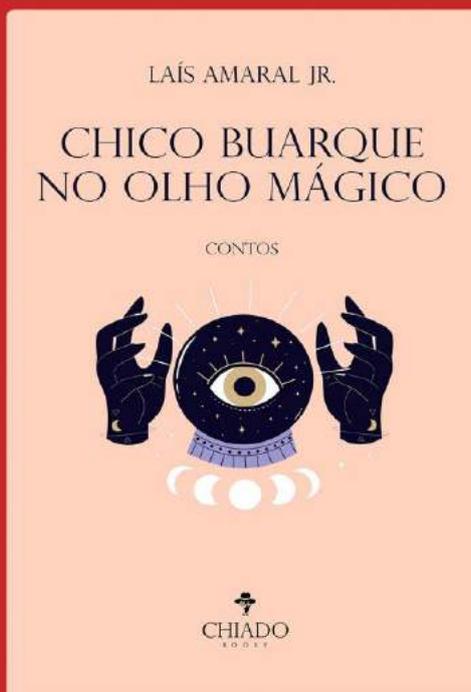
Laís Amaral Jr.: É meu primeiro livro de contos. Tenho livros de poesia, dois romances, livro de crônicas e já participei de inúmeras coletâneas de contos. Algumas como premiação por classificação em concursos. Exemplos: ‘Contos do Rio II’, do caderno Prosa & Verso do Globo em 2006 e, ‘Contos da Quarentena’, promovido pela TV 247 e Editora Kotter no ano passado. Eu escrevi o conto que dá nome ao livro, com a intenção de publicar na minha coluna de jornal. Mas o conto cresceu em tamanho e resolvi guardar. Sempre penso em concursos. Quando dei conta, tinha um punhado deles guardados. Fui mexendo, atualizando, descartando e, na pandemia, cumprindo isolamento, tive mais tempo para olhar e tentar publicar. Como disse, tinha uns contos guardados, e quando resolvi tocar o livro no ano passado, escrevi mais alguns. São sete contos novos e seis que dei uma burilada. Resumindo, embora já existissem seis contos escritos há algum tempo, posso dizer que o livro foi pensado e se concretizou mais ou menos entre março a setembro do ano passado.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Laís Amaral Jr.: Caminhávamos, passos apressados pela calçada quando fomos atropelados por uma onda sonora arrepiante que vinha da Presidente Vargas. Milton Nascimento estava no palanque fazendo cantar com ele um coro de mais de um milhão de vozes, “Coração de estudante”. Senti, num arrepio pelo corpo, o coração apertar e os olhos se liquefazerem. Abraçamo-nos. Os três. Tínhamos a certeza de que a história



LANÇAMENTO EM BREVE



WWW.CHIADOBOOKS.COM
GERAL@CHIADOBOOKS.COM


CHIADO
BOOKS

estava sendo escrita ali. No aqui e agora. Ditadura nunca mais. E sorrimos como se debochássemos do vício cíclico da vida. (1984 pg. 85 – parágrafo final).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Laís Amaral Jr.: O livro já está disponível para pré-venda nas livrarias parceiras da Chiado Books que são: Livraria Martins Fontes; Livraria da Travessa, Amazon (e-book), Kobo (e-book); Fnac Portugal (e-book), Google Books (e-book). E no Site da própria, Chiado Books. O livro, segundo a editora será lançado dia 13 de fevereiro. No Facebook: Escritor Laís Amaral Jr. / No Instagram: @laisamaraljr.escritor

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Laís Amaral Jr.: Tem um livro na agulha para sair com crônicas publicadas em muitos anos no Jornal Beira-Rio, de Resende. Chama-se ‘Fala Botequim’, e ainda estou tentando divulgar um pouco mais, dois romances. Um é meio erótico, “Que delícia de cadete! – memórias de uma cadetina depravada”, publicado em 2017 pelo Grupo Multifoco e que alguns apelidaram de ‘50 tons de pinga’. O outro, com levada de crônica, é mais para o público juvenil, e se chama “Crônica da meia noite – o dragão alçou voo”, foi publicado em 2019, pela editora Garcia, e é uma narrativa futurista passada no ano 2050, com alguns flashbacks. Se a Conexão Literária pudesse divulgá-los, seria show.

Perguntas rápidas:

Um livro: ‘Incidente em Antares’.

Um (a) autor (a): Gabriel Garcia Marques

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: O documentário: ‘Amarelo’, do Emicida.

Um dia especial: 30 de junho de 1989 (nascimento da minha filha, Carolina)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Laís Amaral Jr.: Gosto de escrever e acredito que para a maioria de escritores desconhecidos ou pouco conhecidos, “noves fora” - pouco lidos, por vezes é angustiante a nossa realidade de pouco estímulo à leitura. Como não sou o Paulo Coelho (nada contra, claro), tenho que fazer (muito) barulho em torno do que escrevo para despertar alguma atenção. Mas sempre dentro dos limites da coerência. Nesses tempos de transformações abruptas nas comunicações, acredito a ‘Conexão Literária’ possa ser uma ferramenta de grande ajuda nessa batalha. Um velho pesadelo de não perceber claramente na minha prosa, um estilo definido eu deixei pra trás com ‘Chico Buarque no olho mágico’. A diversidade das histórias atropela a dureza de ter um estilo reconhecido. Sou um cara que gosta de contar histórias. Tem gente que vai gostar e tem gente que não vai gostar, é claro. Escrevo para não enlouquecer, como disse Bukowski, mas gostaria muito de levar algum prazer aos leitores.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA NEUSA CANABARRO

POR ADEMIR PASCALE



Neusa Canabarro é poeta, reside em Silveira Martins / RS. Autora do livro *Quitutes para a Alma* e do livro *Doce Aroma*. Participou de várias coletâneas. Do projeto *Poesia nos Muros* em Porto Alegre e Belo Horizonte. Tem participação ativa no *Jornal Literário Letras Santiaguenses*.

Uma pessoa especial, carregada de histórias e movida por desafios. Eterniza seus dias em poesias.

É Acadêmica correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências A Palavra do Século 21, ALPAS 21 - cadeira 24.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Neusa Canabarro: Nasci com o dom da escrita, segui trilhando caminhos entre prosas e versos. Particpei de jornais literários, *Diário de Lavras* e *Letras Santiaguenses*. Ao lançar meu primeiro livro *Quitutes para Alma*, fui muito bem acolhida e recebi o apoio dos amigos, leitores e escritores. Particpei de concursos literários e fui convidada a fazer parte da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências A Palavra do Século 21, ALPAS 21. A qual me abriu portas para esse mundo mágico das letras. Em 2020 recebi a Comenda de Personalidade Literária e lancei o livro, *Doce aroma*. Sigo escrevendo...

Escrever é

Viver sem viver,

Realizar sem poder,

Fazer sem saber,

Amar e querer,

Sempre ter o que escrever!

Conexão Literatura: Você é autora dos livros “Quitutes para a alma” e “Doce aroma”. Poderia comentar?

Neusa Canabarro: *Quitutes para a Alma*, meu primeiro livro, lançado em 30 de Setembro de 2017. Editado por JGBdesign, gráfica Pallotti de Santa Maria-RS. Surgiu do imenso desejo de tornar-me escritora e levar alegria e encanto, através de minhas poesias. Ansiava

em alimentar a alma dos leitores, saciar seus desejos. Construir caminhos para de uma forma simples chegar até o coração das pessoas.

Doce Aroma, surgiu em meia a pandemia. Lançado em 3 de Dezembro de 2020 pela editora Gaya de Cruz Alta – RS, diagramação Adriane Coelho Santos, fotos de Leon Santos. Poesia e fotografia. Nos leva ao encantamento, o colorido e a beleza das flores com a leveza da poesia, nos faz sentir o mais doce aroma. E assim se perder por entre os versos na busca do melhor de nós. Fazendo brotar um jardim de sentimentos.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Neusa Canabarro:

Processo natural, o poeta vê a vida de uma forma diferente. Um som, palavras, lugares, a vida. Tudo o que gerar sentimento é inspirador.

Os olhos de um poeta

Aos olhos de um poeta

A beleza é inerente

O sentimento floresce

Do nada rapidamente

Aos olhos de um poeta

Tudo é mais colorido

Até a dor mais profunda

Terá um novo sentido

Aos olhos de um poeta

A experiência se enaltece

Vê o jovem que habita

Enquanto a idade adormece

Aos olhos de um poeta

Tudo tem duplo sentido

Vê história, vê memória

Não deixa nada esquecido

Os olhos de um poeta

Não guardam segredo algum

Sem medo e sem prudência

Demonstram um afeto incomum.

Vê com os olhos da alma

E isso o faz tão feliz

Fala através do olhar

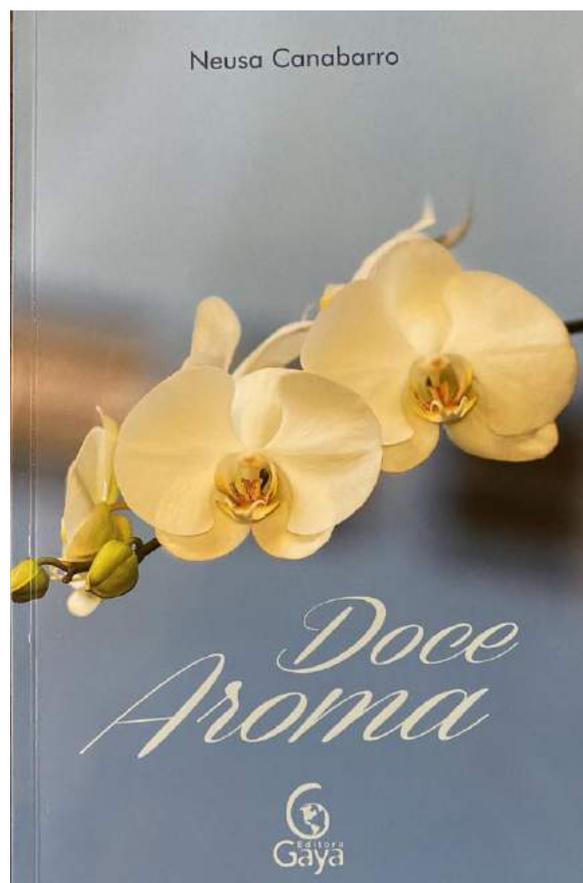
Tudo o que a boca não diz

O que vê é poesia

E quando olhar pra ela

Verá que seu olhar revela

A poesia mais bela



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

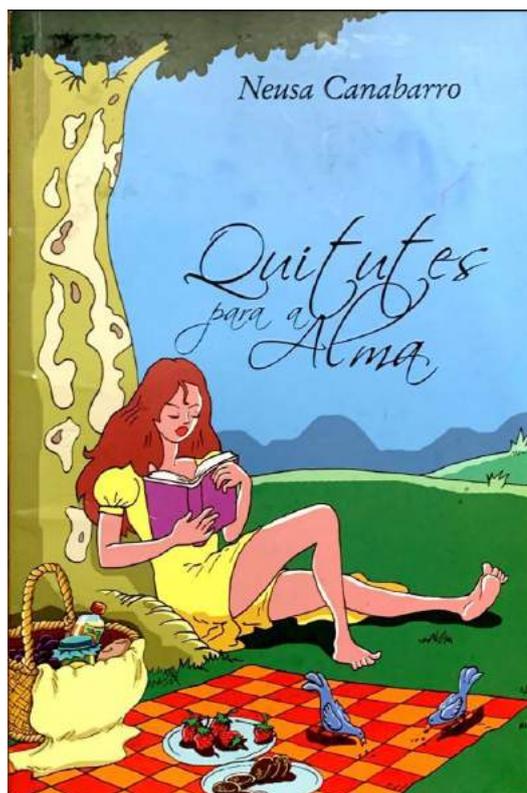
Neusa Canabarro: Quero destacar a contracapa, para aguçar a imaginação dos leitores e aumentar o desejo em conhecer a obra.

Quitutes para a Alma.

Quitutes que acalmam
O nosso viver!
Algo que faz
Sentido e prazer,
Em ler e escrever.
Algo que eu trago
Com grande regalo,
Oferto a vocês.

Doce Aroma

Doçura, beleza, encanto
O melhor em todo canto
Carinho e emoção
Em cada inspiração
Assim serão meus poemas
Rimas, versos e prosas
Onde o sentimento faz
Morada e em
Acróstico se desdobra



Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Neusa Canabarro: Através dos site Facebook: Neusa Canabarro
<https://www.facebook.com/neusa.canabarro/>

Instagram: [@canabarroneusa](https://www.instagram.com/canabarroneusa?igshid=12d703t480mw7)
<https://www.instagram.com/canabarroneusa?igshid=12d703t480mw7>

Pontos de vendas do livro: <https://www.facebook.com/clipsapelariasg/> ,

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100011358004192> ,

<https://www.facebook.com/luzdosaberlivraria/> ,

<https://www.facebook.com/saboresdacabana/> ,

<https://www.facebook.com/saboresdacabana/> ou solicite pelo e-mail

neusacanabarro@gmail.com que enviamos pelo correio.

Aproveite a oportunidade! Alimente a Alma! Torne seu dia mais doce! “Quitutes para Alma” “Doce Aroma”

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Neusa Canabarro: A mesma dica que eu recebi do grande escritor Augusto Cury, “Nunca desista de seus sonhos.”

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Neusa Canabarro: Sim. Continuo participando do Jornal Letras Santiaguenses de concursos, coletâneas e projetos literários dentro da academia. Estou com um projeto Poesia para alegrar seu dia. Sigo poetizando eternizando memórias e sentimentos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Bíblia Sagrada

Um ator ou atriz: Antônio Fagundes

Um filme: O Jardim Secreto

Um hobby: Cultivar suculentas e bromélias

Um dia especial: Hoje. Faça do hoje o melhor dia de sua vida. O ontem já foi e o amanhã a Deus pertence.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Neusa Canabarro: Encerro dizendo:

Se Deus nos da um dom,
Por que não mostra-lo então.
Escrevendo é que eu me encontro,
Escrevendo é que eu me acho,
Neste mundo é que eu me encaixo.
Mesmo eu estando por baixo,
Escrevendo é que eu me ergo.
Mesmo eu estando tristonho,
Escrevendo eu vivo um sonho.
Mesmo tão pouco querendo,
Escrevendo eu vou fazendo.
Minha vida eterniza.

Um Abraço fraterno a todos.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

RAFAEL CAPUTO

POR ADEMIR PASCALE



Rafael Duarte Caputo é escritor, professor licenciado em Letras e pedagogo. Seu romance de estreia "Larissa Start" foi finalista do Prêmio Kindle de Literatura. Autor de: "Carne Fraca", "Minha mãe foi tatuada errada" e "Um microconto por dia". Fundador da revista "Aspas Duplas", periódico eletrônico voltado à arte e educação. Possui, ainda, algumas participações e premiações em diversas antologias literárias. Dentre elas: Prêmio Pérolas da Literatura, Prêmio José Endoença Martins, Prêmio Poeta Aduato Borges, Prêmio São Francisco Xavier de Literatura; assim como menções especiais no Concurso Internacional de Contos Vicente Cardoso e Prêmio Literário da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

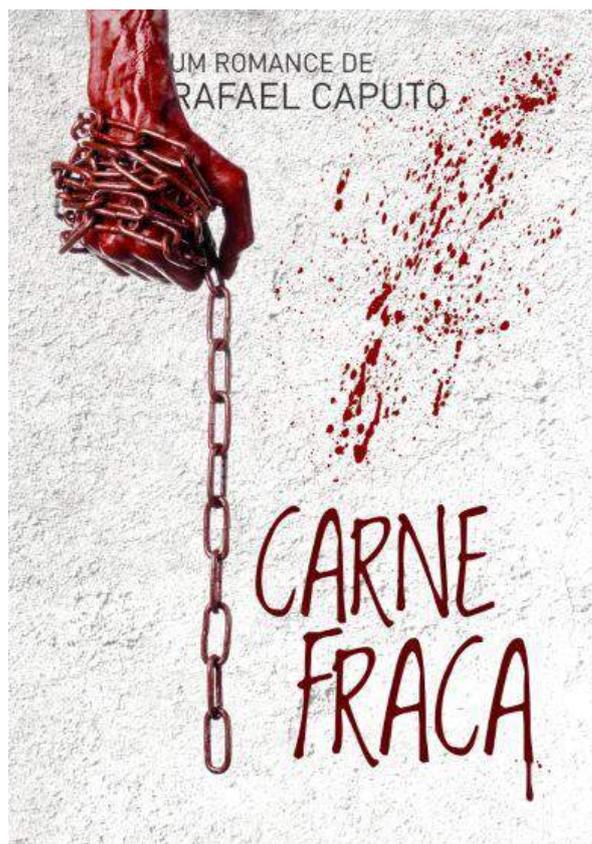
Rafael Caputo: Sempre gostei muito de escrever, mas - infelizmente - as obrigações de uma vida adulta fizeram com que o sonho de ser um escritor ficasse engavetado por 40 anos. Inevitavelmente, foi com essa idade que tive que encarar uma forte depressão e para não sucumbir, precisei me reinventar. Tudo aconteceu quando eu procurava por novos editais de concursos públicos na internet. Estava desempregado na época, buscando urgentemente uma recolocação no mercado, fosse na iniciativa privada ou no poder público. Então, me deparei com os chamados Concursos Literários e arrisquei enviar algumas das obras guardadas na gaveta. Surpreendentemente, muitos dos textos foram premiados. Aquilo foi uma injeção de ânimo. Era, justamente, o que eu precisava para recuperar a autoestima. Isso foi em 2017. Foi aí que decidi colocar em prática o que tanto sonhei: entrei para a faculdade de Letras e de lá pra cá comecei a escrever como nunca. De certo modo, a escrita me salvou, permitindo que eu exteriorizasse certos demônios internos. Foi assim que tudo começou.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Larissa Start", finalista da 4ª edição do Prêmio Kindle de Literatura 2019. Poderia comentar?

Rafael Caputo: Claro! Ficar entre os cinco finalistas do Prêmio Kindle foi uma grande surpresa. Ainda mais por se tratar de meu primeiro romance. Até então eu só escrevia

contos, microcontos, poesias e algumas crônicas. Escrever “Larissa Start” foi a realização de um sonho, sem dúvida. No total, foram 1.800 romances inscritos, de autores iniciantes e escritores já renomados e conhecidos. Estar entre o pequeno grupo de finalistas, portanto, foi realmente fantástico. Sem falar que conheci muita gente do meio literário e alcancei maior visibilidade para minhas obras. Como moro em Curitiba, a Amazon do Brasil pagou todas as despesas da viagem e também a hospedagem em São Paulo para garantir minha presença no dia do evento, que ocorreu em fevereiro do ano passado (2020), pouco antes da Pandemia. Conceição Evaristo e Marcho Lucchesi formaram o júri e decidiram pela obra: “Dias Vazios”, da Bárbara Nonato, que disputava a premiação pela terceira vez. Grande mérito da autora. Obtive excelentes feedbacks do trabalho que venho desenvolvendo e aprendi muito. A ferramenta

KDP – Kindle Direct Publishing é uma bela alternativa para a democratização da literatura. Depois da premiação, passei a utilizá-la ainda mais.



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Rafael Caputo: “Larissa Start” é uma história contemporânea que trata de depressão e suicídio. Então, fui atrás de casos verdadeiros para uma abordagem mais realista e verossímil, mesmo se tratando de uma ficção. Além disso, como plano de fundo, temos a tecnologia e o uso de algoritmos para descobrir potenciais suicidas que buscam na internet formas de acabar com a própria vida. Esse assunto exigiu um pouco mais de pesquisa. Que, em sua grande maioria, ocorreu em sites especializados. Em relação ao tempo gasto, escrevi o início e o fim em poucos meses. Depois disso, o projeto ficou parado. Demorei quase um ano para voltar a escrevê-lo, mas quando recomecei, concluí tudo em três meses. Sendo assim, se não considerarmos esse hiato literário, foram mais ou menos uns seis meses.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Rafael Caputo: Sim. Um deles é quando o leitor descobre mais sobre a vida de Abimael, que apesar de ser um personagem secundário, possui um papel muito importante e significativo na história: “Quem visse Abimael desse jeito, todo sorridente e alegre,

celebrando um ano de relacionamento, jamais suspeitaria que o jovem enfermeiro capixaba quase tinha morrido anos antes, ao tentar o suicídio. Esconder sua orientação sexual por tanto tempo o jogou num imenso abismo. Sentia-se frustrado, sem perspectiva e sem vontade alguma de continuar a viver. Filho de uma família rural no estado do Espírito Santo, o caçula dos cinco irmãos teve que aprender desde cedo a camuflar sua homossexualidade. Era como se nunca se despisse da vestimenta de helanca, usada como proteção no canavial. Seu pai jamais aceitaria e a mãe, sem instrução e submissa ao marido, sequer o apoiaria. Viu na vinda para Curitiba, uma oportunidade de se descobrir. Praticamente, nasceu de novo. Tudo aconteceu quando decidiu por um fim ao seu sofrimento diário. O que o encorajou foi o término de seu caso secreto com o jagunço da fazenda vizinha, que depois de o iludir com falsas promessas, o abandonara por uma mulher de verdade. Passional, cortou os pulsos com o mesmo facão de quinze polegadas utilizado para o corte da cana. O destino, por vezes taxado de irônico, decidiu diversificar. No dia do ocorrido, passeavam pelo local um casal de turistas vindos do sul. A mulher que o encontrara quase desfalecido conseguiu, por um milagre, estancar o sangramento. A profissão de dentista a ajudou. Todavia, não antes de se sujar inteira com o sangue do coitado. Que só viria a se lembrar dela pelos tons de vivo carmim em sua camiseta branca. Por conta disso, sem saber a origem da desconhecida, e muito menos seu nome, a chamou de Carmem. Passional e poético. A suposta Carmem foi quem o trouxe para a capital do Paraná. Ela e o marido o ajudaram com moradia e alimentação. Deram emprego e o incentivaram a estudar. Graças a eles, virou enfermeiro. E graças a ela, tempo depois, também se tornou voluntário no Centro de Valorização da Vida, o CVV; ajudando outros que, assim como ele, tinham desistido de acreditar em si mesmo.”

Conexão Literatura: Você também é autor do romance “Carne Fraca”. Fale mais sobre ele para os nossos leitores.

Rafael Caputo: “Carne Fraca” é meu segundo romance. Explora uma relação confusa (quase doentia) entre três personagens: Fábio, Manuela e Gizele. Esta última é possessiva e obcecada, faz de tudo para conseguir o que deseja, que no enredo é destruir a relação de Fábio e Manu, só para ficar com o bonitão, que – em várias ocasiões – é complacente com as investidas da consultora imobiliária e atriz de teatro amador. Manuela, por sua vez, é como a maioria das garotas: insiste em acreditar no amor, menos no amor próprio. Por conta disso, acaba sofrendo graves consequências. Principalmente, pela dificuldade que tem em lidar com seus próprios sentimentos. Parte da ambiguidade no título do livro dar-se-á por causa das inúmeras vezes em que a jovem se automutilou ou mesmo tentou acabar com a própria vida. Já Fábio é mulherengo, dissimulado e inconsequente; características que dão um toque a mais na relação já conturbada dos protagonistas. Chega ser quase um triângulo amoroso. Praticamente, a história trata dos perigos de brincarmos com os sentimentos dos outros e chama a atenção do leitor para uma grande verdade: as pessoas não são o que normalmente aparentam. Não, a maioria delas. Manu, talvez, seja a exceção. Confesso que me envolvi bastante com o desenvolvimento das personagens. Ao ponto de sentir um nó na garganta com a conclusão da obra. Foi extremamente prazeroso escrevê-la e decidir sobre as reviravoltas e o destino de cada

personagem durante a trama. Ao contrário de “Larissa Start”, onde eu tinha toda a narrativa pronta na minha cabeça, “Carne Fraca” foi se desenrolando aos poucos. O desfecho, por exemplo, ainda era incerto. Tanto é que apresento ao leitor dois finais: um oficial e outro, alternativo. Gostei muito do resultado, assim pude presentear o leitor com uma experiência literária insana (risos).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Rafael Caputo: Meus livros estão disponíveis na Amazon, em formato digital. Para aqueles que preferem o exemplar físico, tem a opção de adquiri-los na Uiclap. Para quem não conhece, a Uiclap é uma startup nacional que utiliza da tecnologia para a distribuição e publicação de livros sob demanda. O livro só é confeccionado após a compra, não há custos para o escritor que define ele próprio quanto quer ganhar por cada exemplar vendido. Fica a dica! Os leitores também podem me achar nas redes sociais: @rafaelcaputo.escritor

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Rafael Caputo: Sim, com certeza. Estou reunindo uma coletânea de poesias, contos e crônicas desses últimos três anos, desde quando comecei a escrever com mais frequência. Quero reuni-los em uma única obra, uma vez que foram publicados em diversas antologias espalhadas pelo país, tudo por conta dos concursos literários dos quais participei. Tenho um livro em forma de diário já concluído chamado “Diário de um dia só”, que é praticamente uma autobiografia em forma de carta de despedida que escrevi enquanto lutava contra a depressão. Estou criando coragem para trazê-lo a público. Quem sabe? Também concluí recentemente um livro infantil intitulado “Jojoca, cara de minhoca” e estou buscando uma editora para publicá-lo. Já enviei o manuscrito para algumas, vamos ver o que acontece. Além disso, tenho dois livros em mente para desenvolver: um deles irá trazer uma espécie de *serial killer* e o outro uma série de mortes misteriosas. Ambos serão de investigação criminal. Quero me aventurar nesse gênero. As duas tramas já estão na minha cabeça do início ao fim; e o enredo também já se encontra bem delineado. O que facilita todo o processo de escrita. O complicado está em escolher qual deles escrevo primeiro (risos).

Perguntas rápidas:

Um livro: Atualmente, “Uma mulher no escuro”, de Raphael Montes.

Um (a) autor (a): Philip K. Dick.

Um ator ou atriz: Viola Davis, ela é sensacional.

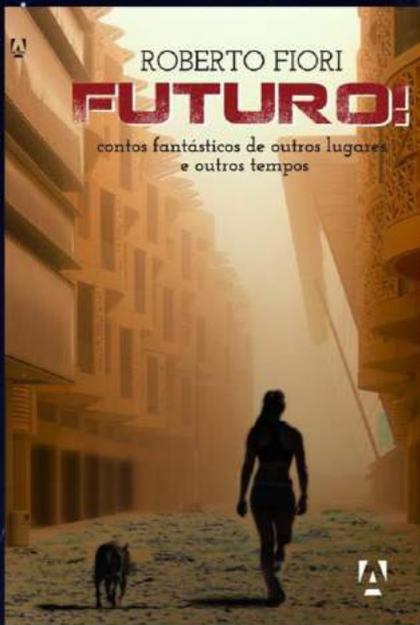
Um filme: Bacurau.

Um dia especial: 04/05/2019, dia do lançamento do meu primeiro livro: uma história infantojuvenil intitulada “Minha mãe foi tatuada errada”. Esse dia foi incrível.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Rafael Caputo: “Nunca é tarde demais para ser quem você poderia ter sido”, George Eliot (ou melhor: Mary Ann Evans).





CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

ZACARIAS SOUSA

POR ADEMIR PASCALE



Baiano e filho de saudosos cearenses, residente na capital do país, **Zacarias Sousa** aos 35 anos, estuda cavaquinho na Escola de Música de Brasília - EMB, aprecia música clássica, tendo o russo Tchaikovsky como seu compositor favorito, e é apaixonado pelo rock n' roll pesado da banda Metallica. Respira esportes, livros, filmes, séries e um bom vinho nos momentos de lazer. Ele também desenha e foi o responsável pela produção da capa do próprio livro. Como bom amante de filosofia, decidiu depois um ano extremamente conturbado por conta da pandemia, publicar seu primeiro livro que traz uma gama de aforismos, poemas e poesias, escrito entre 2018 e 2019, e já prepara a produção do segundo que está no forno.

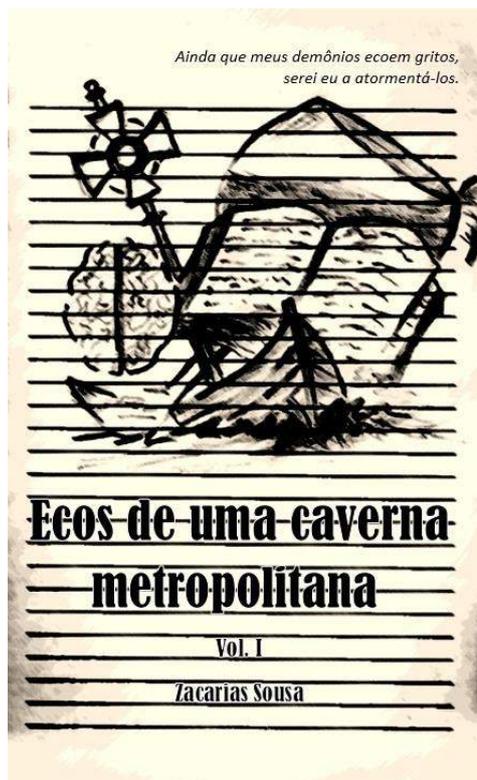
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Zacarias Sousa: Começou um pouco antes de começar a ler filosofia, em 2013 para ser mais preciso. Minha primeira memória me remete a um texto que escrevi e que não está nesse meu primeiro livro, mas que certamente constará no próximo. Eu precisava chamar a atenção de alguém em específico e não poderia parecer como os demais porque as oportunidades nem sempre se repetem. O engraçado é que eu tenho quase certeza que nem fui lido! Mas como prefiro o realismo dos fatos e consequências, cá estamos, sendo entrevistado por uma grande e renomada revista do meio literário.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Ecos de uma caverna metropolitana – Volume | I”. Poderia comentar?

Zacarias Sousa: Sim, claro! Esse não é meu primeiro livro, escrevi outros trabalhos profissionais voltados para a área de Projetos de Cooperação Técnica Internacional que infelizmente não podem ser publicados porque não detenho os direitos autorais das peças. No entanto, **Ecos de uma Caverna Metropolitana** é sem dúvida uma coletânea de reflexões às quais me deparei e/ou me perturbaram quando minha mente ganhou acesso a novas dimensões e caminhos, abertos justamente por leituras filosóficas. É também um conjunto de momentos importantes da minha vida, uns felizes e outros nem tanto, mas todos muito bem vividos.



Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Zacarias Sousa: Eu não gosto muito e até abomino a ideia de ter a obrigação de escrever, e compactuo muito com Clarice Lispector quando ela diz: “...eu só escrevo quando eu quero, eu sou uma amadora e faço questão de continuar a ser amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo de escrever, ou então em relação ao outro. Agora, eu faço questão de não ser profissional, para manter minha liberdade.”

Então, naturalmente, não existe um processo de criação e as inspirações surgem de cenários diversos como religião, moral, ética, relacionamentos familiares, amorosos, profissionais ou de amizades, sobre o comportamento social e principalmente o comportamento do indivíduo em si, mas não existe regra, não deve haver e por isso escrevo sobre quase tudo, até sobre fazer faxina (risos).

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Zacarias Sousa: Sem dúvida. Existem outros textos e poemas mais favoritados por aqueles que já leram o livro, mas vou trazer o último poema (nº 136) para apresentar pontos de vista escusos e um olhar diferente do habitual:

“Descabelada, passou por mim e eu, admirador do caos, me deparei com uma bela bagunça...

Percebi que toda aquela essência fora do lugar não poderia caber apenas nela, certamente atingiu tantos outros, assim como organizou meus pensamentos. Sim, ficou claramente tudo no seu devido lugar, do início ao fim, dos bons aos ruins.

Um turbilhão de personalidade onde os fios enfileirados não têm vez, se apresentou como o mar em dias de tempestade, em que ao mesmo tempo que te afoga, te abraça, te abraça e te afoga.

Denuncia o perigo de se surfar enquanto canta com sireias, doces canções para te ninar. Descabelada, passou, passou a descabelada sem ao menos me deixar elogiar.”

Esse poema não fala apenas de uma bela mulher, retrata a força de uma personalidade feminina que não segue certos padrões sociais, que rejeita o julgamento óbvio daqueles que só conseguem enxergar estereótipos comerciais. É um poema que fala de oportunidades únicas, onde as melhores nunca retornam à mesa de decisão e que, existem pessoas tão vivas que nos desconcerta, desperta-nos e mexe com aquilo que somos mesmo se olharmos para elas por um único instante.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Zacarias Sousa: O livro foi publicado inicialmente em formato E-book na plataforma Amazon e pode ser adquirido através desta. Provavelmente em alguns meses será publicado em outras plataformas e infelizmente no momento ainda não se encontra disponível fisicamente. Os leitores poderão realizar seus comentários, quer seja elogios ou críticas, também na plataforma. E para os que desejarem realizar parcerias ou não expor sua opinião diretamente no site, podem entrar em contato comigo através do meu e-mail (zak_dm94cjb@hotmail.com), que tentarei atendê-los da maneira mais atenciosa possível.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Zacarias Sousa: A minha dica é que escrevam com verdade, a partir daquilo que eles acreditam verdadeiramente e principalmente com sentimento, que deixem transbordar sobre o papel tudo o que estão sentindo no momento e só depois revisem, ou releiam o que escreveram. A preocupação com a técnica textual e com a linguagem em si muitas vezes omite, quando não mata a alma das frases e palavras.

Dias atrás me disseram a seguinte frase: “Estou na metade do meu livro e lê-lo é a mesma coisa que te ouvir falar”. E esse foi meu maior presente desde a publicação, porque ser lido é importante para os autores, mas ser sentido é surreal.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Zacarias Sousa: Sim, dias atrás terminei de escrever o último aforismo do meu segundo livro que também recebera o nome de **Ecos de uma Caverna Metropolitana**, só que agora sendo o volume II uma vez que ambos fazem parte de um mesmo período de reflexão e crescimento. Apesar de “quase finalizado”, sentia que precisava de uma última chave para o compor, e um cenário específico vivido recentemente me trouxe a reflexão que faltava. Sobre o lançamento, acredito que será publicado em breve e provavelmente também em formato digital por meio das plataformas existentes!

Perguntas rápidas:

Um livro: A arte da prudência, de Baltasar Gracián.

Um ator ou atriz: Morgan Freeman.

Um filme: O auto da compadecida, de Ariano Suassuna.

Um hobby: Música.

Um dia especial: não existe um em específico, a minha vida inteira tem sido muito especial e eu sou muito grato por tudo que ganhei, perdi, vivi e não vivi etc.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Zacarias Sousa: Eu gostaria apenas de agradecer a todos que fizeram efetivamente parte do sucesso de lançamento desse meu primeiro livro, aos que depositaram sua confiança nesse meu projeto inédito, bem como toda a produção da Revista Conexão Literatura pelo interesse na matéria e principalmente pela oportunidade. Foi incrível, façam sempre uma boa leitura e até a próxima!!!



FAÇA JÁ

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES

A SUA

ASSINATURA



CLUBE DO LIVRO

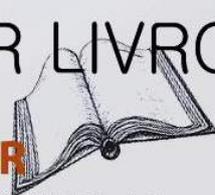
U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESSE O SITE

WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR

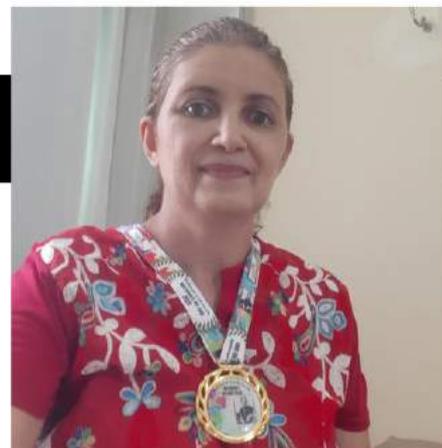
ACESSE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS
ÓTIMAS RECOMPENSAS



WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA

ENTREVISTA COM A ESCRITORA ZENILDA RIBEIRO DA SILVA

POR ADEMIR PASCALE



Zenilda Ribeiro da Silva é filha de agricultores, nascida numa família de nove filhos. Cresceu na roça e lá aprendeu a apreciar o luar, as estrelas, os pássaros, a vida que a nós se manifesta nas pequenas coisas. É professora da rede estadual da Paraíba, possui Mestrado em Letras, feito pelo programa Profletras/UFCG. Compreende a linguagem, falada ou escrita, como sendo uma das mais belas manifestações do Criador, através da qual a criatura pode, por meio das interações e trocas, fazer-se e sentir-se sujeito, criando e recriando mundos. Vê na arte literária, (poesia ou prosa), a maneira pela qual esse sujeito pode humanizar-se, transformar-se e ajudar a transformar o mundo ao seu redor.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Zenilda Ribeiro da Silva: Pergunta interessante, pois não nasci num ambiente onde me fosse favorável o acesso à leitura literária, logo, esse era um mundo um tanto distante da minha realidade até chegar à vida adulta. Meus primeiros contatos com a leitura eram basicamente leituras religiosas, mas foram essas experiências que formaram a leitora que hoje sou e posso dizer que foram elas que me introduziram no meio literário, pois antes de ser escritora, sou uma leitora. Mas meu contato primeiro com a Literatura foi na graduação, mais especificamente depois da leitura de **Amor de Perdição**, de Camilo Castelo Branco. Essa obra me despertou para a percepção do poder transformador, catártico da Literatura. Em seguida passei a mergulhar nos autores brasileiros. Fascinei-me por Clarice Lispector, Cecília Meireles, Machado de Assis. Essas, posso dizer, são minhas bases onde busco me orientar, dada a beleza da escrita. A partir daí passei a exercitar também a escrita, mais como uma forma terapêutica, nos momentos de dificuldades. Depois vieram as redes sociais e passei a escrever sobre experiências, sobre questões sociais etc. Com o ingresso na docência, passei a escrever crônicas, especialmente para ler em sala e ajudar aos alunos na desmistificação do processo da escrita. Ao concluir o Mestrado publiquei a minha pesquisa e pensei em dar continuidade desenvolvendo a temática para uma outra publicação. Vieram outras demandas e parei as pesquisas, continuei apenas com minhas crônicas, mas guardadas, compartilhando-as apenas com um amigo professor e escritor. Até que um dia ele começou a me incentivar a publicação independente daqueles textos, enfim, foi mais ou menos por aí que tudo começou.

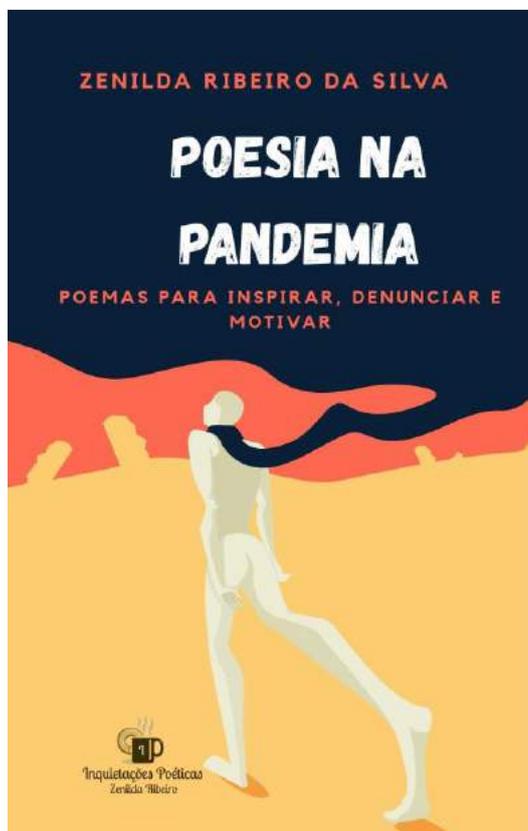
Conexão Literatura: Você é autora do livro **Um "Poesia na pandemia – Poemas para inspirar, denunciar e motivar"**. Poderia comentar?

Zenilda Ribeiro da Silva: Sim, então, como falei, escrevia crônicas sobre vivências da sala de aula, da minha relação com a minha filha, do meu cotidiano. Mas a chegada da pandemia, como foi para toas as pessoas, no mundo todo, nos colocou numa situação de provar a nossa resiliência. Como se não bastassem as dificuldades que já são enfrentadas por nós, professoras e professores, no regime presencial de ensino, no ensino remoto essas questões se agigantaram. Associe-se a toda essa montanha de situações novas, que não nos permitiam aceita ou não, era aceitar ou aceitar, rrsrrsrs, também sou mãe de uma criança que é do grupo de risco, que em 2019 passou por três pneumonias, três internações. Daí você se vê num momento em que um vírus como esse, que pode estar em qualquer lugar, precisa se isolar em casa (algo traumático para uma criança de 4 anos), isolar-se dos seus familiares e amigos e conviver com seus medos, suas limitações, as limitações do outro, pois a convivência acentua essas questões, com seus pares de profissão passando por severas dificuldades para se adaptarem a essa realidade e você olha para um lado e para o outro e diz: preciso me fortalecer e fortalecer os demais, preciso de uma janela, que não seja simplesmente uma tela, mas algo que possa ultrapassar a tela fria do celular e abraçar as pessoas a quem amo. Então comecei a escrever poemas, sempre ao amanhecer e compartilhar via redes sociais, com grupos do trabalho, da família e amigos. A experiência foi muito boa, pois ao mesmo tempo em eu escrevia, poderia ir olhando para aquele sofrimento de uma forma mais leve. Essa prática foi e continua sendo para mim uma atividade salvadora, a arte que salva, como diz

Nietzsche, “A arte existe para que a verdade não nos destrua”. Creio que essa foi a ideia do Poesia na Pandemia, que inicialmente era só um projeto sem pretensões de publicação. Mas com a aceitação e a importância que se mostrou para o momento, resolvemos fazer a autopublicação.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Zenilda Ribeiro da Silva: A maioria dos poemas que escrevi e que escrevo nascem pela manhã ou nas madrugadas. Geralmente escrevo após um momento de meditação, leitura (Bíblica e outra leitura), um momento de oração, uma leitura da realidade por meio dos noticiários. Depois, como forma de lidar com as situações, parto de uma palavra, uma notícia, uma angústia que estou vivenciando e transformo em um poema. Mas também há aqueles que surgem num momento de interação com minha filha, numa



caminhada que faço. A poesia está na vida, em todas as suas nuances, seja nos momentos de deleite ou de dor, que a gente tenta transformar, ou pelo menos amenizar, colocando no papel em forma de poema, creio que é isso, porque tem sido assim. Me inspiro para escrever (como modelo, entende?) nos diferentes escritores que conseguem me tocar, que tocam minha alma, como Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Conceição Evaristo, Bráulio Bessa, mas a inspiração nasce da contemplação da vida, como falei anteriormente, seja qual for o momento vivido, especialmente os momentos com minha filha, que muito me ensinam.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Zenilda Ribeiro da Silva: Sim, sim. Há um poema do qual gosto muito, que fiz pensando no sofrimento de professores angustiados com a pouca participação dos alunos nas aulas remotas. Senti nas falas de alguns uma dor muito grande e busquei um texto para animá-los. O título do poema é PRA INICIAR A SEMANA. Segue um trecho:

Pra começar a nova semana.

Reavivar as esperanças.

Uma dica é ter em mente.

Que nessa viagem que é sua vida.

Assumir a cada dia.

A função de pilotar.

Novas rotas sempre traçar.

E se mesmo assim não alcançar.

As metas que planejou.

Reconhecer aonde chegou.

Os esforços que empregou.

E tudo que já conquistou.

Vai te abrir pra descobrir.

Sem sofrer ou se punir.

Onde também fraquejou.

Sabendo que até as falhas.

Podem muito te ensinar.

Seja grato e se aceite.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Zenilda Ribeiro da Silva: Este e outros livros nossos estão disponíveis para compra na maioria dos Marketplaces, especialmente na Amazon. Foram publicados de forma independente, inicialmente pelo Clube de Autores. Depois coloquei também à venda na Bok2. Todos os links para acesso e compra se encontram no link na minha página no Instagram. Através do meu IG também posso trocar ideias e interagir com leitores, já que faço publicações diariamente de trechos de poemas inéditos ou já publicados.

IG: @zenilda.ribeiro.904 ou nesse link <https://linktr.ee/zenildars>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Zenilda Ribeiro da Silva: Ler bastante, escrever bastante, procurar criar o hábito da escrita, pois quanto mais escrevemos, mais vamos nos aperfeiçoando. Se escute e escreva com alma, mesmo que deixe transparecer muito de você. Não tenha medo de se expor por meio dos seus textos. Não baixe a cabeça diante das críticas, pelo contrário, encare-as de alma aberta, isso ajuda a crescer, porque nos ajuda no autoconhecimento. Tenha amigos com quem compartilhar os seus escritos e de quem possa receber feedbacks. Procure conhecer a KDP da Amazon e as plataformas de autopublicação. Seus escritos são necessários para alguém, divida-os com o mundo, seja com editora ou não.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Zenilda Ribeiro da Silva: Sim, já há um projeto em andamento. Seria para o início deste ano, mas estou passando por umas demandas familiares e precisei adiar um pouco, mas vem um livro preparado com muito amor, com momentos da mãe, da filha que acompanha a mãe idosa com Alzheimer, da mulher que passa por diferentes crises no dia a dia. **Na feitura do tempo**, está no forno, rrsrs.

Perguntas rápidas:

Um livro: A paixão segundo GH – Clarice Lispector

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Sociedade dos poetas mortos

Um hobby: Assistir filmes com minha filha e viajar com ela nas fantasias

Um dia especial: O dia em que descobri que seria mãe.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Zenilda Ribeiro da Silva: Só agradecer por este espaço para que possa divulgar o nosso trabalho, mas, acima de tudo, por poder me fazer conhecer pelo público leitor da Revista Conexão Literatura. Dizer que sempre é possível, mesmo num ano de tanta dificuldade como foi o que terminou, que ainda seguimos vivenciando, encontrar sentidos e caminhos para a vida. E que a Literatura me proporcionou isso e pode proporcionar pra você, caro leitor. Desejar um Ano melhor para nosso povo e para vocês que fazem a revista. Grande Abraço.



Arte

TELA “O CANTO”

POR LUCIANA LANA

Luciana Raimunda de Lana Costa, é doutoranda em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Tangará da Serra, MT, Brasil. Mestra em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Participou da Coletânea “Então é natal” – Editora Versejar/2020 e da 50 Vozes poéticas do Brasil – Bilioeditora/2021. Atualmente, professora da Escola Estadual Dona Rosa Frigger Piovezan, no município de Comodoro-MT e divide seu tempo entre leituras, produções acadêmicas, literárias e artes plásticas. E-mail: luciana.costa@unemat.br



Óleo sobre tela, 66 altura x 80 largura, moldura em alto relevo de massa corrida



POR DUAS VEZES: O ECLIPSE

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

Ela tinha o nome da lua; ele, do sol. Um dia, tal qual um eclipse, no céu da melancolia eles se encontraram.

Era uma menina frágil e pálida chamada Selene. Tinha somente cinco anos quando se mudou com a família para a periferia de Recife.

A casa era antiga, assobradada, imitando o estilo vitoriano, e possuía um enorme jardim com árvores e gramados. Um muro alto cercava toda a propriedade e, ao mesmo tempo em que transmitia uma certa segurança, isolavam a menina completamente do mundo exterior.

Os primeiros dias foram muito difíceis para Selene, pois, apesar de contar com a animada presença da cadelinha Luna, além desta, não havia ninguém com quem conversar ou brincar. Seus pais tentavam distraí-la, porém, não era a mesma coisa, ademais, eles logo paravam, pois tinham os seus afazeres importantes de gente grande por realizar.

Tudo mudou quando, certa vez, seus pais surpreenderam Selene toda feliz a conversar com alguém em seu quarto. Ela ria e falava animadamente sobre seus brinquedos, doces, histórias, a vista da janela para o porto lá longe e o que mais viesse em

sua mente infantil. Os pais supuseram que ela estivesse brincando com Luna, entretanto, intrigaram-se ao perceber que a filha conversava voltada para um canto vazio.

— Com que você está falando, querida? — perguntou-lhe a mãe.

— Com ele — apontou para o nada entre as duas paredes.

— Quem é ele? — insistiu.

— É o Hélio.

No canto diametralmente oposto do quarto, a cadela Luna olhava para a criança — e algo mais —, rosnando, pelos eriçados.

A mãe trocou olhares com o pai, o qual deu de ombros. Ambos já ouviram falar de histórias estranhas sobre crianças que tinham um amigo invisível. Se a mãe ficou com a pulga atrás da orelha, o pai, por seu turno, teve a típica atitude masculina de atribuir tudo à imaginação da filha. Porém, nos dois os cabelos da nuca se arrepiaram.

— Passará com o tempo — assegurou o homem.

— Como a bonanza...

— O que disse?

— Nada não... Vai passar, claro.

Foi assim que, em eclipse, a lua encontrou o sol.

Todavia, apesar da previsão do pai, não passou.

Selene ficava horas e horas proseando animadamente com seu amigo.

— Pára, Hélio... — E ria. — Pára!

— O que foi, Selene? — gritou a mãe, do térreo.

— Nada não, mãe. É o Hélio, ele gosta de fuçar nos meus cabelos.

— Sei. Por que ele não vai para a casa dele?

— Ele disse que a casa dele é aqui. Mesmo se quisesse, não poderia sair... Está preso.

— Preso?

A mãe achou isso um pouco além da conta do que uma criança de cinco anos fantasiaria.

Certa feita, numa manhã ensolarada, ao olhar pela janela da cozinha, avistou Selene a correr pelo jardim ao redor de uma árvore, onde havia um balanço. Este balançava de fato, embora não estivesse ventando. De súbito, a menina correu para junto da mulher e perguntou:

— Mãe, o que é vitamina D?

— Por que quer saber?

— Hélio disse que vem do Sol e faz bem para a saúde.

Isso não a surpreendeu tanto quanto ver que o balanço parara repentinamente.

Noutra ocasião, abrindo a tampa do forro da casa a fim de lá guardar uns cacarecos, o pai se deparou com outras tralhas: móveis velhas, pacotes de jornais e revistas, brinquedos de madeira, trapos, caixotes. Ficou espantado ao perceber que os jornais tinham quase um século. Trouxe-os para a sala, juntamente com uma lata retangular dentro da qual encontravam-se vários recortes, uma mecha de cabelos loiros

atada por um laço de fita azul e algumas fotografias amareladas. Examinou com curiosidade os artigos que traziam notícias de 1918. As manchetes dividiam-se entre a Primeira Guerra Mundial e a gripe espanhola.

— São relíquias dos moradores originais — falou para a esposa.

— Quanta poeira... Está sujando tudo!

Selene, desajeitada em seu vestido branco, aproximou-se. De súbito, seu rosto iluminou-se.

— Hélio! Hélio! — gritou várias vezes. — Hélio! Hélio!

Ela apontava para uma das fotos espalhadas sobre a mesinha de centro.

A imagem era a de um garotinho que deveria ter a mesma idade atual de Selene, roupas claras, um par de botinhas e um boné que não ocultava de todo seus cabelos claros. Havia algo escrito no verso:

— "Hélio van den Berg, 1913-1918"... Hélio!

Selene nunca fora até o forro. Como poderia saber?

Um calafrio tomou conta da mãe; do pai também, apesar dele não querer dar o braço a torcer.

— Hélio! Hélio! — cantarolou Selene. Então, parou, olhando para trás. — Ah, pera aí!

Vacilante, a mãe indagou:

— O que foi, querida?

— Hélio ficou triste.

— Por quê?

— Ele não falou.

O pai achou melhor não comunicar a sua suspeita: tratava-se de uma fotografia *Post-Mortem*.

Os anos passaram e Selene atingiu a adolescência.

Enfim, conforme o pai predissera, as conversas dela com seu amigo invisível diminuíram. Ao menos, era no que ele acreditava e, por tabela, sua mãe queria acreditar — não sem uma dose de alívio. Entrementes, fato era que Selene, simplesmente, deixara de se manifestar e contar tudo o que somente ela via e ouvia.

Aos dezesseis anos, seus pais decidiram colocá-la em uma escola numa outra cidade, em regime de internato. Ela protestou. Em sua cabeça, seus pais queriam separá-la de Hélio ou, pior, livrar-se dela.

Os pais argumentaram ser tanto por uma questão de segurança, mas — e principalmente — por desejar que ela tivesse um ensino de melhor qualidade, porque, se dependesse da escola pública... (Quem sabe, o amiguinho imaginário fosse embora também, mas isso não falaram.)

Em seu quarto, amuada, sentindo o chão sob seus pés perder a firmeza, choramingou:

— Hélio... Eu vou embora!

E, no velho cantinho, seu amigo — ainda uma criança de boné e botinhas — surgiu, olhar melancólico. Disse em sua mente:

Eu sei, Selene. É tempo de nos separarmos.

Até Luna ficou tomada pela tristeza. Cheirou os pés de Selene e, depois, foi deitar-se lá no canto, junto de Hélio. A essa altura, velhinha, não somente acostumara-se com o fantasma, mas passara a gostar dele e dos afagos que lhe fazia.

Selene sentiu-se arrasada, pois nutria uma afeição muito grande pelo amigo invisível. Não fosse por Hélio, seus últimos dez anos de vida teriam sido insuportáveis. Até sua saúde melhorara, em parte por causa dos conselhos que ele lhe dava: tomar sol, comer frutas e verduras, correr, fazer caminhadas. Compartilhara seus bons e maus momentos, contara-lhe tudo o que acontecera na escola, o *bullying* que sofrera por ser franzina e tímida, os passeios que de vez em quando fizera com os pais. Sempre lamentara por Hélio não poder acompanhá-la.

Estou preso a esta casa, falara-lhe vezes sem conta.

— Nunca poderá sair?

Não sei. Quero crer que haja um propósito em tudo isso. Minha eternidade teria sido terrível sem a sua amizade.

E acariciou os cabelos dela.

O propósito tornou-se claro alguns dias antes de Selene viajar.

Não obstante o muro alto da propriedade, dois assaltantes invadiram a casa vitoriana durante a madrugada. Mandaram os pais de Selene prender Luna no banheiro, senão a matariam. Depois, amarraram e amordaçaram todos na sala. Encheram suas mochilas de lona com o máximo que puderam apanhar de mais valioso. Quando estavam prestes a sair, um deles reparou nas formas salientes que a mocinha revelava sob os trajés. Uma troca de olhares e decidiram levá-la para o quarto no andar de cima, não obstante o desespero dos pais. Atiraram-na na cama.

Selene temeu o que podia acontecer-lhe.

Os marginais prepararam-se para satisfazer seus ímpetos bestiais.

Subitamente, a luz do quarto apagou-se. Um frio intenso envolveu os dois homens, acompanhado de um fedor pungente. Foi quando se deram conta de haver algo mais além dos três no aposento. Antes que pudessem verbalizar seus medos, seus corpos foram selvagememente arranhados e espancados. Um deles conseguiu apanhar sua faca e tentou golpear o agressor. Porém, nada havia para ser golpeado. O horror tomou conta de suas almas, todavia, era tarde demais para qualquer redenção. Antes do último vestígio de sanidade abandoná-los, sentiram-se erguer do chão, foram dobrados para trás e, num par de estalos secos, suas espinhas partiram-se. A seguir, a faca que nem chegara a tocar o piso flutuou na penumbra e vazou os olhos dos desgraçados. A imobilidade e a escuridão seriam tudo o que desfrutariam pelo que restasse de suas amaldiçoadas vidas. Os corpos agonizantes desabaram.

O frio acabou.

A luz voltou a se acender.

Ainda deitada, Selene somente soluçava.

Mãos invisíveis desataram as amarras e a mordação.

Antes que ela visse a terrível cena no chão, Hélio sussurrou-lhe:

Nascemos um para o outro, Selene, contudo, em épocas diferentes. Há um abismo profundo de tempo entre nós, porém, não de coração. Durante as gerações que permaneci nesta casa, perguntei-me milhares de vezes qual seria a finalidade desse tormento, de minha curta existência terrena e de minha interminável não existência. Se existe um propósito nas coisas, creio que tudo pelo que passei convergiu para este exato momento: o instante em que pude salvá-la. E isso compensou tudo. Em meu íntimo, sei que você está destinada a algo grande, a vãos mais altos e nobres do que permanecer neste lugar e nas lembranças que esta casa armazena. Eu sempre a amarei. Vá, minha amiga! Estude bastante. Conheça pessoas de verdade. Abra suas asas sob a luz do luar... e voe!

A precaução de Hélio van den Berg fora desnecessária, pois ela mal olhou para os farrapos humanos. Libertou Luna e seus pais.

Todos testemunharam a pequena silhueta perto da filha, uma forma escura que lembrava um garotinho, a qual evanesceu em seguida.

Luna ganiu de tristeza.

Selene passou os anos seguintes no internato. Ela não viu a fiel Luna morrer de velhice. Chorou muito quando soube, porém, alimentou a esperança de que, doravante, seu espírito brincaria para sempre com Hélio. Coursou depois a faculdade e tornou-se médica geneticista. Conheceu alguns homens, teve alguns relacionamentos, contudo, não chegou a se casar.

Então, chegou a pandemia, vinda do Oriente.

Em cerca de nove meses, o vírus contabilizou um milhão de mortos pelo mundo e dezenas de milhões de infectados.

Não faltou quem culpasse a China pelo ocorrido, principalmente por ter seu governo, deliberadamente, ocultado o surgimento do novo vírus até sua divulgação tornar-se inevitável.

Demonstrações de sinofobia não tardaram, por mais que se soubesse que o povo chinês, havia milênios, era a primeira vítima a sofrer nas mãos de seus dirigentes.

— Você confia na vacina deles?

— Nem na deles e nem na da Rússia!

— Distribuíram o vírus de graça e, agora, querem vender a vacina. Isso sim é negócio da China!

Rancores a parte, outras nações trabalharam na confecção de sua própria vacina.

O trabalho da Dra. Selene desempenhou um papel fundamental na descoberta de uma cura. Graças a sua contribuição, milhares de pessoas foram salvas no Brasil e no mundo.

Infelizmente, a cura não chegou a tempo em relação aos seus pais.

Desolada, empreendeu viagem até o antigo sobrado nos arredores de Recife. Pouco se lembrava de seu amigo invisível de infância e adolescência até colocar os pés na

sala. Muito tempo havia se passado. Sozinha naquele lugar de tantas lembranças, ousou chamar:

— Hélio?

Não houve resposta.

Sentiu-se vazia, inundada de recordações.

Então, uma intuição guiou-a através de algumas caixas empilhadas ao lado do sofá. Em uma delas, havia os jornais e os retratos que, certa vez, o pai retirara do forro. Sim, lá estava a fotografia dele, Hélio van den Berg. Selene apanhou-a e a mecha de cabelos com as mãos trêmulas e guardou ambas em sua bolsa. A seguir, percebeu algo no fundo da lata retangular que não se lembrava de ter visto alguma vez antes: uma carta escrita pela mãe de Hélio. Em letras miúdas, a bico de pena e na antiga grafia, lia-se sobre aquela época turbulenta de princípio do século XX, o mundo mergulhado em guerra, a revolução na Rússia e, ainda sobre como o pequeno e amado Hélio veio a falecer, vítima de uma outra pandemia: a gripe espanhola. Na carta — não dirigida a ninguém em particular —, a mãe contava como, em desespero frente ao risco de contaminação, ela e o marido enterraram a criança no quintal e foram embora às pressas.

Dra. Selene arrepiou-se.

— Por isso você está preso aqui — murmurou.

Uma brisa fugidia fez balançar uma mecha de seus cabelos.

Recordou-se de uma das teorias sobre a origem da gripe espanhola que, a exemplo da COVID-19, da SARS, da gripe aviária A, da gripe de Hong Kong e da gripe asiática, apontava para a China. Perguntou-se pesarosa sobre quantos hélios não haveria no sudeste asiático.

Providenciou a exumação do corpo do pequeno Hélio, um enterro digno em solo consagrado, uma lápide com seu nome e cópia da foto que ela guardara.

Em frente ao túmulo, depositou um buquê de flores.

— Pronto, meu pequeno. Sua memória não será esquecida. E, espero, sua alma encontrará finalmente o merecido descanso, livre. Voe, Hélio... Voe em direção ao Sol!

Poder-se-ia dizer que foi o vento, mas Selene teve certeza que não, quando sentiu um afagar em seus cabelos conforme ele sempre gostara de fazer. Ademais, vento não sabia rir.

Era o sol e a lua.

A definitiva despedida.

Um segundo e breve eclipse.

Sentindo o marejar dos olhos, falou:

— Eu também sempre irei amá-lo, Hélio.





Biografia:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lia pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquela Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

Obs: Informações: *Google, Uiclap, Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br



O BAILE

POR MASSILON SILVA

Conto

Aquele senhor ali sentado, de aparência missionária e propecta idade já foi o que se pode chamar de um sujeito polivalente. Atuou como coroinha, sindicalista, fundou ou contribuiu para a fundação de jornais, fundou e dirigiu time de futebol, mas foi na política, como cabo eleitoral ou como Vereador em seu município, que deu provas incontestes de sua habilidade para entrar e sair das mais complicadas situações. Suas aventuras no chamado parlamento mirim estendem-se desde a apresentação de projetos de lei para criação da bandeira e hino do seu município até pronunciamentos memoráveis, em um dos quais saudou o "sol causticante" em noite de acentuado breu. Enfrentou muita saia justa, sempre contabilizando resultados positivos em seu favor.

O fato narrado a seguir, segundo se conta ocorreu no final dos anos 60; não há como atestar sua veracidade por ausência de registros confiáveis, nem se conhece ninguém que garanta haver presenciado. Fato ou boato, vem sendo replicado desde então e o próprio personagem principal, jamais negou sua ocorrência.

Em uma época povoada por manifestações populares contra a Guerra do Vietnan, por liberdade na França, contra os militares no Brasil, embrionários movimentos feministas e outros tantos do gênero, as mulheres não dispunham ainda de certa liberdade, especialmente as jovens em idade de namoro ou casamento. Eram ainda muito presentes os movimentos em defesa da Tradição Família e Propriedade; as mulheres

tinham seus passos na sociedade permanentemente monitorados pelos pais, irmãos e primos, sendo acompanhadas também pelos olhares maldosos e línguas afiadas das famosas candinhas. A moral e os bons costumes eram pontos imutáveis e o que hoje se conhece como namorados era, ainda naqueles tempos, amigados e a expressão ficar hoje tão em voga era simplesmente pejorativa. Designava o coito praticado às escondidas, com mulheres de vida fácil que recebiam seus clientes na calada da noite entre as quatro paredes de um quarto de cabaré. A virgindade era ainda questão de honra e muito valorizada.

Os bailes que a juventude frequentava davam-se nas tardes de domingo e tinham lugar nas casas de família, à vista de todos, embalados por inocentes canções da Jovem Guarda em que reinavam imponentes cantores como Roberto e Erasmo Carlos, Paulo Sérgio, Jerry Adriani e conjuntos musicais de grande sucesso como Renato e Seus Blue Caps ou Os Incríveis com belas versões dos Beatles. Os chamados bailes para adulto eram realizados em clubes sociais, seguiam o mesmo gosto musical e eram frequentados pelas famílias, compostas por casais e seus filhos, jovens ou adolescentes. As drogas eram coisa de gente de segunda classe, embora o lança-perfume fosse consumido às claras, em qualquer lugar e quantidade. Maconha era coisa de pobre, cocaína, heroína e LSD só se conhecia de nome - eram produtos de outros países.

Havia, de outra banda, as festas populares com seus bailes onde eram tocadas músicas de Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga e Marinês, e entre os moderninhos mais uma vez a Jovem Guarda tinha seu público garantido.

Por absoluta necessidade de sobrevivência política Pedro Rocha - este o seu nome — engajou-se nos movimentos jovens, vestiu a camisa de promotor de festas, atividade que lhe rendia frequentes aplausos e grande popularidade, traduzidos em votos a cada eleição.

Foi do próprio Pedro que ouvi o relato a seguir.

Chegado o mês de junho seu eleitorado deu-se a exigir a realização de bailes de forró semanais, deixando o edil às voltas com salões, sanfoneiros, marcadores de quadrilha e outros profissionais menos requisitados do ramo. Tudo acertado, a primeira função foi marcada para o domingo mais próximo, na sede do clube de futebol local, comparecendo um incontável número de pessoas de ambos os sexos, idade e condição social, todos ávidos por diversão a custo zero ao som de Zé de Amélia, o mais famoso e competente sanfoneiro da região.

Oito horas da noite começaram a chegar os festivos, todos devidamente preparados para a ocasião. Os homens com suas vestimentas tradicionais, calças compridas, camisas esporte ou social, sapatos ou chinelos de couro brilhando, alguns de chapéu e ninguém de bermuda. As mulheres com suas blusas e saias comportadas, vestidos ou calças compridos, cabelos bem penteados e muito, muito perfume. As calças jeans já existiam mas eram um produto raro.

Os pais se faziam comparecer ao recinto, nem tanto pela festa em si mas para acompanhar de perto suas filhas, observar seu comportamento e corrigir eventuais deslizes, controlar ímpetos fora do padrão e às vezes aprovar ou não um namoro que ali se ensaiasse. As moças ficavam geralmente sentadas, trocando impressões e confidências, parte delas ficava de pé, num frenético movimento de pernas e cabeças como a buscar

seu par para aquela noite. Os rapazes, todos em franca movimentação, conversavam e olhavam ao redor, demonstrando interesse por essa ou aquela dama.

Mal a música começava e já se iam formando os pares, aleatoriamente ou escolhidos por antecipação, sempre obedecendo a uma fórmula ainda em vigor, segundo a qual as mulheres, paradas ou em movimento esperavam o convite dos homens e, havendo consentimento formava-se o par que em regra era fixo por toda a noite. Os mais velhos, casais já devidamente formados e unidos por laços diversos, também se divertiam à vontade. Beber e fumar eram comportamentos liberados, desde que mantido o devido respeito e com moderação.

Uma regra inflexível, porém era a de não permitir a presença de gays e moças mal faladas entre as que ainda conservavam a pureza virginal. A essas pessoas consideradas párias não era permitido o acesso, e se em algum momento sua presença fosse detectada eram convidadas a se retirar, não importando se o faziam a contragosto. E como não poderia deixar de ocorrer, lá por volta das onze horas quando o baile ia a todo vapor, eis que se constatou uma presença indesejável. A dançar parte após parte estava a Terezinha, moça de boas maneiras e amiga dos presentes mas que carregava a pecha de doidivanas, o que funcionava como marca indelével em seu rosto que a denunciava, condição que era vista como um mau exemplo para as demais. Apesar de sua beleza edênica não era mais virgem, impedimento grave para sua permanência no local. E como não poderia ser diferente, a responsabilidade pela presença e a obrigação de proibir sua permanência era assunto para o organizador resolver. Foi assim que D. Cândida, defensora intransigente da moral e dos bons costumes se dirigiu a Pedro, dando início a um ríspido diálogo.

— Já viu quem está dançando, "seu" Pedro?

— Não. Quem é?

— A Terezinha, conhece?

— Sim, e o que tem isso?

— Como o que tem? Não vá me dizer que não conhece seus maus procedimentos.

— Não senhora; eu nem a conheço bem.

— Então ouça. É uma boa bisca, uma sirigaita. Dizem que já namorou um batalhão e não foi qualquer namoro não. Cada um mais escandaloso que o outro, em lugares mais que suspeitos, fazendo sabe-se lá o quê. Veste roupas indecentes, fala umas palavras que nem ousa repetir, anda acompanhada de outras de sua laia e, o que é mais grave, conta-se que tempos atrás apareceu grávida, Deus sabe de quem, pelo correm boatos de um aborto realizado por um médico irresponsável.

Às exigências de D. Cândida foram seguidas outras de igual teor, sob pena de os presentes, à exceção dos rapazes, é claro, baterem em retirada, até chegar a vez do coronel Minervino, fazendeiro da região, com duas filhas solteiras e de virgindade preservada a ferro e fogo, mais a fogo do que ferro, e sobre quem repousava a tutela de cerca de duas dezenas de votos dar o ultimato - ou sai ela ou saímos todos e acaba a festa. Tremendo na base Pedro captou a gravidade da situação, que consistia não apenas no esvaziamento do salão mas principalmente dos desejados votos, àquela altura contados como certos. Pensou com profundidade e chegou à solução que lhe pareceu mais viável e menos traumática. Aproximou-se da infeliz Terezinha e delicadamente tirou-a para dançar. Em passos cadenciados conduziu a moça até a porta de saída e durante o trajeto

segredou ao ouvido dela, quase sussurrando, as palavras mágicas que lhe deram fama e garantiram sufrágios eleitorais "vá pra fora porque você é furada".

Feliz pela solução encontrada o digno pretendente a mais uma vez ocupar uma cadeira na casa do povo sentiu-se aliviado. Problema sanado, vida que segue, parafraseando São Paulo na famosa segunda carta a Timóteo disparou de si para si: "Combati o bom combate, acabei a carreira, preservei os votos".



Massilon Silva, jornalista, escritor e poeta, foi correspondente do Jornal de Alagoas, Jornal de Hoje e semanário Desafio, todos de Maceió. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Academia Alagoana de Literatura de Cordel, Academia Sergipana de Cordel e da Academia de Letras de Pão de Açúcar.



NAZISTAS EM MARTE

POR B. B. JENITEZ

Conto

Como o leitor deve bem saber, se leu alguma das minhas tetralogias, o Berço é uma nave espacial-temporal-transdimensional que se parece com... um berço vitoriano. Foi usado inicialmente pelo querido Major para acompanhar a vida do Profeta Maomé, e depois sua localização me foi revelada quando o mesmo estava às portas da morte.

Como relatado em algum dos meus livros, eu finalmente consegui acesso ao Berço usando um *loop* temporal dentro de um templo hindu em uma das sete cidades perdidas de Agartha encravada em um túnel na cordilheira andina. Essa cidade era, ou ainda é, uma base nazista. Desde então, esses nazistas estão no meu encalço para recuperar o Berço (que eles chamam de Sino Nazista), visando viajar no tempo, entregar armas atômicas para Hitler e dominar o mundo.

Esses nazistas remanescentes são bastante poderosos. Eles são os donos dos famosos discos voadores, construídos no final da II Guerra Mundial, e não qualquer ET longe de casa. Segundo informações fidedignas, possuem uma base no lado oculto da Lua e outra no portal para a Terra Oca, na Antártida. Mas o que eu não poderia imaginar é que eles tinham um plano muito mais ambicioso de confrontação e dominação: construir uma enorme base no planeta Marte e a partir dali atacar a Terra.

Quem me revelou esse plano foi Jacob, um espião judeu infiltrado no movimento nazista. Vou contar com mais detalhes, inclusive turísticos, como foi que isso aconteceu. Eu estava coletando dados em Granada, Espanha, para finalizar um de meus últimos livros, *Segredos Esotéricos de Alhambra*. Para quem conhece a cidade, eu estava hospedado no *Hotel Museo Palacio de Mariana Pineda*, perto da Ponte Cabrera sobre o rio Darro. Em frente à ponte existe o bar cafeteria *La Fontana*, um lugarzinho com ótima comida espanhola. A região fica a uns quinhentos metros das muralhas de Alhambra. Jacob havia combinado por e-mail se encontrar comigo ali, e chegou na hora.

— Olá, Jacob, como foi de viagem?

— Até agora bem, mas desconfio que estou sendo seguido.

— Então me conte tudo o que sabe.

Pedi dois cafés e uma *tortilla* para Jacob, que parecia faminto.

— A coisa toda já está bem adiantada. Eles já têm uma base em uma caverna perto do polo norte marciano. Estão construindo seus discos voadores e suas naves-mães tipo charutões.

— Mas por que não fazem isso aqui na Terra ou na Lua?

— Acreditam que a guerra pode ser longa e esses lugares são vulneráveis aos mísseis aliados. Por outro lado, as naves terrestres ainda são lentas para chegar em Marte.

— OK, OK — meditei bebericando meu café.

Jacob me estendeu um pendrive enquanto se concentrava em sua *tortilla*.

— Todas as informações estão aqui: localização da base, armamentos, naves etc.

— Como você conseguiu tudo isso?

— Não me pergunte — finalizou Jacob — Eu me arrisquei muito.

oooOOOooo

Na manhã seguinte, o corpo de Jacob foi encontrado no rio Darro, debaixo da ponte Espinosa, a cem metros do meu hotel. Ao saber disso, imediatamente fiz o *check-out* no hotel e segui para a Alhambra. Estava nervoso e caminhava rápido, pois o assassino de Jacob poderia estar me seguindo. E, com efeito, quando estava na altura do *El Bañuelo*, um brutamontes com uma faca e uma tatuagem de suástica no punho me empurrou para uma daquelas ruazinhas tão estreitas:

— O pendrive — sussurrou ameaçadoramente.

Normalmente não mato meus inimigos, mas naquele momento era eu ou ele. Não vou descrever a arma que possuo desde minha viagem para Terra-137, mas basicamente do assassino sobrou apenas uma espécie de geleia viscosa no chão.

Cheguei ao lado dos Jardins de Generalife, perto da Alhambra, em um pequeno espaço que parecia vazio. Entrei no Berço, que estava em modo invisível, e decolei rumo à minha mansão em Jardinópolis-SP. Durante a viagem, entrei em contato com meus filhos Mariana, Juliana, Leonardo e Raphael. Perguntei se eles poderiam me encontrar na mansão, junto com meus genros Cauê e João Pedro. Todos concordaram. Combinamos um encontro à noite, no qual jantariamos o único prato que sei fazer bem, o *Dahl* indiano.

Depois do jantar, introduzi o pendrive no computador quântico da sala, de modo a apresentar todos os dados em hologramas 4-D. Examinamos os planos nazistas, o mapa da base e trocamos ideias sobre o que fazer:

— Pai, por que você não entrega tudo isso para a ONU? — perguntou Leonardo.

— E o que a ONU seria capaz de fazer? Respondi. Eles até poderiam tentar defender a Terra, mas são incapazes de atacar Marte. Os terrestres não possuem um Berço e, cá entre nós, é melhor que não tenham mesmo, evitando assim guerras temporais.

— E para quando é a invasão nazista? — questionou João Pedro.

— Para daqui seis meses, segundo estes documentos. Suas naves mãe viajam de Marte à Terra em cerca de três meses.

— E o que você quer de nós? — Perguntaram Mariana e Cauê ao mesmo tempo.

— Bom, vocês sabem que normalmente trabalho sozinho ou, às vezes, com Raphael. Mas desta vez a coisa é muito grande, acho que preciso de uma equipe onde cada um seja responsável por uma dada tarefa.

— E qual é o nível de risco? — Murmurou Raphael.

— Bom, no nível de ser capturado pela Nova Gestapo e torturado até a morte.

— Fichinha — exclamou Juliana.

oooOOOooo

O plano de sabotagem da base marciana consistia basicamente no seguinte. Primeiro, adaptariamos o Berço para uma tripulação maior. Em seguida, viajaríamos para Marte, o que é bastante rápido dada a velocidade do Berço. Finalmente, pousariamos ao lado da base em modo invisível e plantariamos minas temporais para momentos específicos. Para quem não sabe, tais minas viajam no tempo e só aparecem em um dado local instantes antes de explodir.

Durante a viagem, Mariana, fisioterapeuta, cuidaria da saúde da equipe. Cauê, seu esposo especialista em TI, se encarregaria do computador quântico do Berço. Juliana, física e Leonardo, matemático, ficariam responsáveis pela navegação até Marte. Raphael seria o piloto e João Pedro faria a controladoria geral da operação.

Os dados do pendrive continham também informações sobre os uniformes nazista, os trajes espaciais e os cartões de identificação. Confeccionamos cópias usando minha impressora gigante 4D para todos os tripulantes, pois nos dividiríamos em equipes de dois para invadir o complexo. Isso teria que ser feito porque cada alvo das minas temporais precisava ter um marcador de geo-localização, do tamanho de uma moeda, implantado pelas equipes de solo.

Havia dois perigos claramente evidentes: as equipes serem pegas em flagrante e o Berço ser detectado mesmo em modo invisível. Nossos alvos eram o hangar das naves mãe (Leonardo e Raphael), o centro de controle de defesa (Mariana e Cauê) e o reator de energia (Juliana e João Pedro). Eu ficaria supervisionando e acionaria o Berço caso fosse necessário fazer um resgate via *loop* temporal.

As equipes se abraçaram e rumaram para a entrada da base, escondida em uma caverna na região polar marciana. Usaram seus cartões de identidade e abriram uma das portas exteriores. Nenhum alarme foi disparado, de modo que o computador central os reconheceu como habitantes cadastrados no complexo. Deixaram os trajes espaciais em compartimentos mais acessíveis em caso de fuga.

Eu seguia o andamento da operação em seis telas, uma para cada lente de contato transmissora que cada um portava. As equipes se dividiram, rumo aos alvos predeterminados. Aparentemente, tudo corria bem em nosso plano de sabotagem da base nazista.

oooOOOooo

— Abortar, abortar! — gritou Mariana usando telepatia de rádio (TR). — Não podemos explodir essa base!

— O que? Perguntaram todos os outros. Nenhuma equipe havia colocado o geo-localizador ainda.

— Eu me recuso a explodir essa base, pai!

Eu não estava entendendo o que acontecia. Então Mariana virou a cabeça e focalizou melhor a lente transmissora. Ela estava em meio a um parque artificial, com grama e árvores. No meio dessas, centenas de crianças, de bebês a adolescentes, passeando com suas mães que, curiosamente, não estavam usando uniformes nazistas.

— Eu fiz o juramento de Hipócrates, pai! Não vou matar crianças pequenas. — As outras equipes, também usando TR, murmuraram frases de espanto.

— Mas Mariana, você sabia que nossa sabotagem é um ato de guerra!

— Que guerra? Esses nazistas ainda não atacaram a Terra. E atacar essa base onde moram seus familiares, em vez de destruir suas naves em combate, parece um ato terrorista ou mesmo crime de guerra... Seremos piores que os nazistas!

— Voltem todos para cá — concedi. Precisamos fazer uma reunião de avaliação.

As equipes aceleraram o passo e voltaram rapidamente para o Berço.

oooOOOooo

— OK, eu sei que nossa missão é moralmente questionável... é um ataque preventivo.

— Tipo lançar a bomba de Hiroshima antes de Pearl Harbor — refletiu Leonardo, que havia recentemente estudado no Japão.

— Eu pensava que a base era puramente militar — disse João Pedro.

— Mas nas informações do pendrive já constavam as áreas civis — observou Raphael — Nós é que não queríamos ver isso.

— OK, mas o que faremos agora? Cancelamos a missão? Jacob morreu em vão? Eu hesitava ainda.

Leonardo olhou para Raphael e disse: — Nosso alvo, o hangar de naves, é puramente militar. Se colocarmos todas as três minas temporais nesse hangar, iríamos fazer um belo estrago.

Mariana pensou um pouco e finalmente concordou: — Bem, não é a melhor solução, mas essas naves vão atacar a Terra de qualquer jeito mesmo. Ou serão destruídas ou matarão muita gente.

Leo e Rapha vestiram novamente seus trajes espaciais e levaram os três geo-localizador. As outras equipes ficaram no Berço, prontos para decolar quando voltassem. Acompanhamos todo o trajeto até o hangar através de suas lentes transmissoras. Eles conversavam conosco via TR. Sua missão era a mais difícil porque o hangar era uma área de extrema segurança e estava cheio de soldados e pessoal das SS. Notei que um capitão, com seu característico uniforme preto, parecia estar vigiando meus filhos.

Os geo-localizadores tinham, em uma face, um potente ímã de Neodímio, de modo que a instalação era fácil. O importante é que não ficassem visíveis. Leonardo colocou o seu debaixo de um charutão que estranhamente parecia um Zeppelin metálico. Raphael instalou o seu por trás da porta central de decolagem do hangar. Finalmente, ambos se dirigiram para uma nave de aspecto bastante moderno. Qual não foi sua surpresa ao perceberem os motores de antimatéria localizados na frente, com a configuração correta para criar um *wormhole* temporal. Era um Berço, ou pelo menos um protótipo de um Berço.

Leonardo colocou o último geo-localizador nesse Berço, mas neste momento o capitão das SS gritou, ordenando que fossem detidos. Soldados por perto apontaram suas armas. Leonardo e Raphael levantaram as mãos. O capitão chegou perto deles, e começou a examinar o casco da nave. Aparentemente não encontrou o geo-localizador

que Leo havia jogado dentro da mesma. Então Raphael tentou falar alemão e mostrou as identidades, mas não convenceu. O capitão apontou sua P38 para a cabeça de Raphael e disparou.

Então ficou totalmente ofuscado pelos clarões laranjas e azuis transdimensionais do nosso Berço, que pousou ao lado dos meus filhos. A bala ainda viajava em direção a Raphael, tudo se movia de forma extremamente lenta fora do nosso casulo temporal. Juliana, puxou Raphael para dentro do casulo, e Leo foi agarrado por João Pedro. Nesse meio tempo, a bala havia viajado apenas meio metro.

Com uma explosão de luz ainda mais forte, criamos um portal para atravessar a cúpula da base. Viajamos então para a atmosfera superior de Marte. Nosso computador quântico indicou que discos voadores nazistas haviam decolado e estavam em nosso encaixe. Acionei os motores de antimatéria e essas naves ficaram para trás, pois o Berço tem velocidade dez vezes maior que um disco voador.

oooOOOooo

Finalmente chegamos em casa, e qual não foi nossa surpresa ao encontrar a mansão totalmente destruída. Nosso mordomo Alfred nos relatou que, aparentemente, os nazistas haviam finalmente localizado minha base e a atacaram usando um disco-voador. Fico pensando se aquela estátua em forma de disco voador feita pelo prefeito de Jardinópolis-SP se referia a essa nave ou ao nosso Berço.

Descemos pelos elevadores de segurança até a caverna, que não havia sido muito atingida: o computador quântico ainda funcionava, bem como a maior parte dos arsenais.

Todos concordamos que, agora, a guerra havia sido iniciada pelos nazistas. Escolhemos as três minas temporais e as ativamos: cada uma sumiu em seu pequeno *whormhole*. A contagem se iniciou. Eu havia deixado, perto da base marciana, um pequeno sismógrafo com conexão com o Berço. Dali a vinte minutos recebemos o sinal de uma grande explosão subterrânea.

Espero que, mesmo com esse ataque na área militar, todas as crianças marcianas estejam bem. Nos despedimos com muitos abraços e beijos, acreditando que fizemos o que tinha que ser feito. O mais importante, porém, seria ter destruído totalmente o protótipo do Berço Nazista. Infelizmente, sobre isso não tenho certeza...

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor livre-docente no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Multifoco e *Projeto Mulab de Tróia* (2016) pela Drago Editorial. Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O grande Livro da Ficção Científica* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O espantoso mundo da Antecipação* (Elemental Editoração) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola). Também é colaborador da Revista *Conexão Literatura*.



AMOR À PRIMEIRA VISTA, ILUSÃO E TORMENTO

POR MÍRIAM SANTIAGO

*É tão lindo ver que aos poucos os prédios vão se iluminando!
Ver tons alaranjados ganharem vulto em cada andar
É o anúncio de que a noite se aproxima, bem de mansinho
Assim como o meu tormento vem me corroendo, me privando!*
(Míriam Santiago)

Conto

Ainda me lembro como se fosse hoje a dor daqueles tapas, pois se não fosse por ela, que apareceu na hora certa me dando coragem e determinação, me colocando nos eixos da razão e sensatez, talvez não tivesse o amanhã a contar e recordar.

Nada faria mais sentido, o existir poderia ter deixado de existir, aquelas palavras mudaram a minha vida!

...

Depois de me desentender com o meu noivo, Marcos Augusto, aproveitei estar em férias e fui refletir sobre a relação em Salvador, Bahia, pois algo em mim me dizia que lá estaria a resposta que tanto necessitava.

Em tour rápido por Salvador e respeitando todos os protocolos de segurança, pois estamos em janeiro de 2021 e a pandemia do novo coronavírus iniciada em março de

2020 ainda persiste, mas não poderia deixar de visitar a Igreja Nosso Senhor do Bonfim, que há anos esperava por conhecer, local que já foi palco do premiado filme “O pagador de promessas”.

Neste ano, uma das maiores manifestações religiosas do país, o cortejo da lavagem das escadarias do Bonfim, que se realiza há 248 anos foi suspenso. Mesmo assim, senti as boas vibrações desta festa tão bonita.

Paz ao entrar e sentar naquela igreja, fundada há 276 anos. Antes de me ajoelhar para orar, senti uma presença, uma mulher. Estávamos somente nós duas, ela vestida por inteiro de preto. Ela puxou assunto, mas falava olhando sempre à frente, para o altar, não virava o rosto e muito menos o olhar para mim, e mesmo assim, senti um carinho muito grande vindo de tristes palavras. Ela falava devagar e cada sílaba tinha o som de sofrimento, não dizem que a voz humana é musical? Pois então, a dela emanava um som do passado marcado por crueldade e essa vibração me deixava mais curiosa em saber o que havia acontecido com ela, pensando em ajudá-la.

— Logo que você entrou na igreja senti que sua alma está fragilizada, você tem chorado muito e por mais que tente erguer a cabeça, há sofrimento vindo bem lá de dentro de seu ser. Diz a mulher.

— Você nem me conhece e como pode falar sobre meus sentimentos, disse-lhe em tom mais alterado.

— Não fique brava, pois não é comigo que deve ficar alterada e sim com certa pessoa que você conheceu e está muito longe daqui.

— Você quer dizer o meu noivo?

— Sim, esse mesmo. Calma, não se irrite, sente-se novamente, por favor, só quero te ajudar, disse a mulher, mas sem se virar, pois sua linha de conduta a mantinha numa postura sempre olhando para frente.

— Tudo bem, e o que você tem a dizer?

— Digo que sofri assim como você está sofrendo por causa dele. E como você, não me dei conta de que a partir da primeira bofetada, outras viriam esporadicamente.

— Como sabe sobre tudo isso? Eu nunca te vi na vida e moro em São Paulo, como disse, muito longe daqui.

— Sim, nunca te vi, mas essa amargura que você carrega em seu coração é igual em todas as mulheres que sofrem violência seja pelo marido, noivo ou namorado, e muitas padecem a vida inteira sem que ninguém saiba, nem mesmo os pais, sofrem sem pedir ajuda, em silêncio por medo, vergonha ou culpa. E logo que você chegou pude sentir a tristeza latente em seu coração, com a aparência superficial da falsa felicidade. O que veio buscar aqui? Promessa para que ele pare com as agressões? Ou descarregar as mágoas?

— Não sei, realmente não tenho ideia dessa viagem ainda mais por conta da pandemia, em que temos o dever de permanecer em casa, mas algo me dizia para vir e segui a minha intuição.

— Sim, fez bem em seguir sua intuição, na verdade bem dentro de seu íntimo algo divino a empurrou para cá e você sabe que terá de acabar com o noivado e afastá-lo de você. Vou contar o que aconteceu comigo para servir de exemplo.

— Sou uma mulher de meia-idade, não tão bonita pelos atuais padrões da moda, sou antiquada, por isso tive apenas dois namorados na vida, nunca me casei na idade

fértil, enfim, sofria em ver que nunca era escolhida por homem algum. Até que por meio de uma amiga, tentei conhecer alguém pela internet, nessas salas de encontros e assim conheci um homem muito amável, com idade próxima à minha, gentil, carinhoso e que me falava coisas belas, me elogiava sempre dizendo que eu estava linda com certa roupa, com um novo corte de cabelo e por aí foi indo, até que marcamos um encontro. Ele não era daqui de Salvador, veio de longe para me ver e para “nós” foi amor à primeira vista. Apaixonamos-nos loucamente e em menos de um mês já estávamos casados e eu desisti de tudo o que tinha aqui e fui embora com ele para Brasília. Confesso que nos dois primeiros anos de casados tudo ia às mil maravilhas, mas depois que nos mudamos para cá, o inferno começou e eu era culpada por tudo.

— Nossa você falando de sua vida, mas parece a minha tirando que não nos conhecemos pela internet, fui apresentada por um amigo e também nos apaixonamos desesperadamente e de casamento marcado. Estamos juntos há três anos e confesso, me desculpe por chorar ao dizer, mas todos esses anos ele se mostrou brutal. No primeiro ano nem tanto, vivia pedindo desculpas, mas depois ao ver que nunca tomei uma atitude se quer, foi aumentando os tapas e o resto você já sabe.

— E nós nos deixamos levar porque temos medo da solidão de ficarmos sozinhas novamente.

— Mais ou menos, até que não posso reclamar dos pretendentes anteriores, falei à ela, mas tenho medo de deixá-lo porque ainda não sei se sou eu a culpada por estressá-lo.

— De jeito algum, eles são agressores porque certamente viam o pai agredindo a mãe, e sem um acompanhamento psicológico, acabam mantendo “a tradição” de pai para filho: agressão e violência. Peço que você pense em tudo isso que falei com seriedade e carinho para que não seja mais uma vítima como eu fui, disse a mulher, que num lapso virou-se para mim e tomei um susto quando a vi, quase caindo do banco. Ela tinha o rosto desfigurado do lado direito, por isso falava sem se virar, assim como o braço preso em uma tipoia, e o pescoço desfigurado também, a pele repuxada com indícios de queimadura.

Virei para pegar um lenço na bolsa e a mulher desaparecera tão depressa assim como surgiu. Olhei para trás, para os lados e nem sinal dela. Mas permaneci ali sentada limpando os olhos e deixando sair a aparência de choro.

Sai da igreja mais confiante, toda aquela conversa com alguém que sofreu e passou por tudo o que eu vivia, exatamente as mesmas coisas, me deixou com mais confiança, parecia que eu conversara o tempo todo com o espelho!

Caminhando pelo Largo do Bonfim, uma feira cultural com vários quadros, livros, pôsteres e banners me chamou a atenção. Andava pela exposição quando ao centro estava uma jovem com panfletos e ela falava com todos que passavam. No banner em altura natural estava a foto da mulher que eu acabara de conhecer na igreja, exatamente como se mostrou com o rosto e pescoço desfigurados e o braço na tipoia.

E não deu tempo de eu perguntar quem era ela, seu nome, porque a moça foi logo dizendo.

— Nesse banner está a minha falecida irmã Maria de Fátima, mais uma mulher vítima da agressão do marido, ele jogou álcool e depois fogo, deixando-a deste jeito que vocês estão vendo na foto. Ele sempre foi agressor, ficamos sabendo tardiamente, não

deu tempo de fazermos nada. Esse monstro foi preso, mas pagou e conseguiu sair em liberdade, é o que acompanhamos sempre nos noticiários. Estou aqui para tentar ajudar outras mulheres alertando com o exemplo de minha irmã. Esse crime aconteceu em dezembro, agora, mês passado, ele disse que se estressou demais em ficar em casa com ela, por conta do isolamento social. E assim, peço que tenham consciência dessa realidade em nosso país, que piorou por causa da pandemia.

Dei alguns passos em direção à jovem, levantei a mão para falar-lhe, mas ao ver o banner novamente, as palavras de Maria de Fátima (agora sei o seu nome) me vieram à mente, assim como a sua aparência e cai ao chão, não consegui ver mais nada.

Acordei no hotel, com somente um leve corte na testa. Retornei a São Paulo e terminei o noivado, aparentemente ele aceitou depois de muita discussão, me livrando para sempre do agressor!

A fictícia história terminou bem, mas na vida real não é assim que acontece, infelizmente. Em pesquisa no site da Agência Brasil, matéria de 20.04.2020, só no Estado de São Paulo, a violência contra a mulher aumentou 44,9% durante a pandemia. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública informou que o total de socorros prestados passou de 6.775 para 9.817, na comparação entre março de 2019 e março de 2020, subindo a quantidade de feminicídios de 13 para 19 casos.

Por isso, denuncie se presenciar ou escutar qualquer tipo de violência à mulher. O Ligue 180 está disponível 24 horas por dia, todos os dias, inclusive finais de semanas e feriados para qualquer lugar do Brasil. Vítimas residentes no exterior também podem utilizar o serviço, sendo que cada país tem um número de telefone correspondente.



Miriam Santiago: jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta de escrever, ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: miriammorganuns@hotmail.com

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO **AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.03.2021

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura